DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS NO SUL DE PORTUGAL

1980

CENTRO DE HISTÓRIA DAS UNIVERSIDADES
DE LISBOA

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA
DA ASSEMBLEIA DISTRITAL DE SETÚBAL

DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS NO SUL DE PORTUGAL

Centro de História da Universidade de Lisboa

e

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal

1980

Texto de apoio à exposição DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS NO SUL DE PORTUGAL, inaugurada em Faro (19-05-1980), aquando do IV Congresso Nacional de Arqueologia.

Exposição organizada pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal e pela Carta Arqueológica do Algarve (CAALG).

Textos de:

Joaquina Soares (J.S.)
Carlos Tavares da Silva (C.T.S.)
Victor dos Santos Gonçalves (V.S.G.)
Jorge Pinho Monteiro (J.P.M.)
Luísa Ferrer Dias (L.F.D.)

Publicação subsidiada pelo Instituto Nacional de Investigação Científica, Fundo de Fomento Cultural, Fundação Calouste Gulbenkian e Assembleia Distrital de Setúbal.

A década de 70 apresenta-se-nos assinalada, a Sul do Tejo, e no que se refere à actividade arqueológica, pelo arranque da prospecção de amplas áreas (Sines através do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines e *Algarve Oriental através da* Carta Arqueológica do Algarve) e pelo renovo da metodologia de campo (uso sistemático de escavações em extensão) e de gabinete *(tratamento quantitativo dos dados recolhidos).*

Foi intenção da Comissão Executiva e Científica do IV Congresso Nacional de Arqueologia reunir numa exposição colectiva testemunho de todas as escavações realizadas nos últimos dez anos no Sul de Portugal.

Os textos que integram o presente volume são, de algum modo, as respostas ao apelo efectuado.

Esperamos que no próximo Congresso se multipliquem e alarguem estas representações, permitindo uma panorâmica mais densa da actividade arqueológica em Portugal.

NEOLÍTICO ANTIGO DA ÁREA DE SINES

Escavação do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines (Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares).

Nos últimos cinco anos foram realizados trabalhos de prospecção e escavação no Alentejo Litoral (Área de Sines) que permitiram conhecer diversos povoados do Neolítico Antigo. Três (Vale Pincel I, Samouqueira e Vale Vistoso) situam-se junto da falésia litoral. Um quarto (Salema) localiza-se no interior, na margem esquerda da ribeira da Cascalheira.

Numa primeira fase, o Neolítico Antigo da Área de Sines não se diferencia grandemente, nas formas de vida e até na utensilagem lítica, do Mesolítico local. Ele ter-se-ia formado a partir do desenvolvimento interno da sociedade mesolítica cujo dinamismo foi catalizado e enriquecido por impulsos da corrente neolitizadora do Mediterrâneo Ocidental. Não podemos, pois, falar de uma vaga oriunda do Mediterrâneo Oriental que tivesse trazido, de uma forma acabada, o conhecimento da agricultura e da cerâmica.

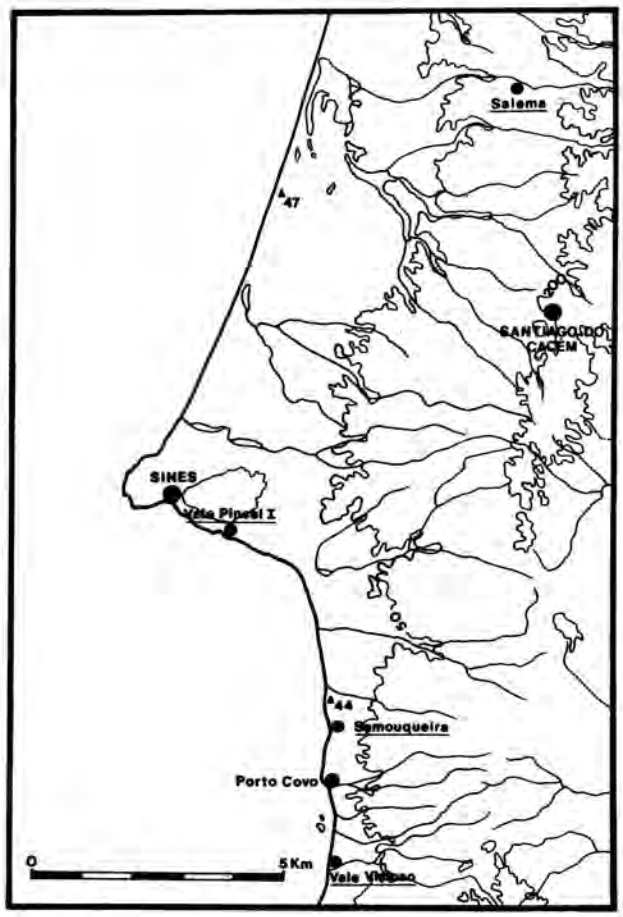


Fig. 1 – Povoados do Neolítico Antigo da Área de Sines

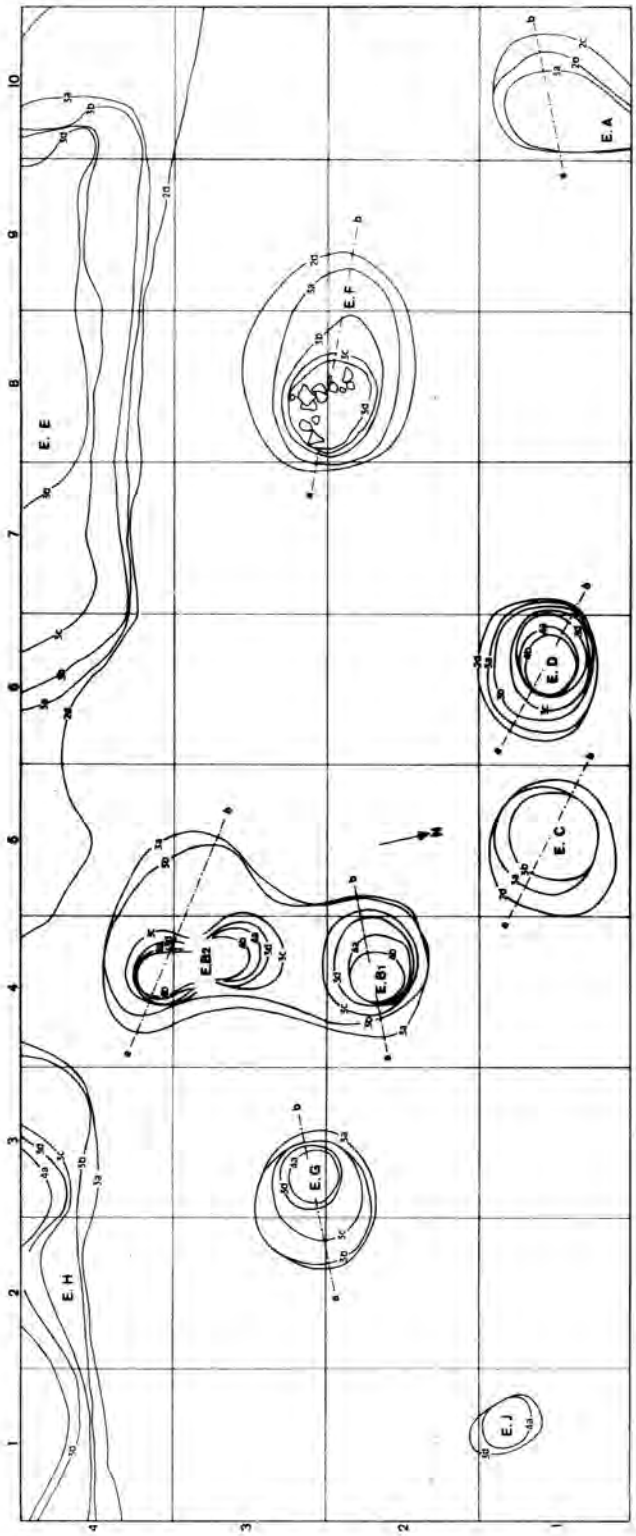


Fig. 2 – Vale Pincel I: levantamento microtopográfico do corte de reconhecimento com a representação das covas destinadas a lareiras e parte de um fundo de cabana.

Fig. 3 – Vista aérea do povoado de Vale Pincel I.

Em Vale Pincel I, foi procurada, como no Mesolítico, uma zona arenosa, aberta e plana, sem as mínimas condições naturais de defesa e situada junto de uma práia onde a recolecção de "marisco" desempenharia um papel fundamental. A aldeia era constituída por conjuntos de grandes cabanas feitas de materiais perecíveis; o fundo destas construções, escavado nas areias, formava uma depressão pouco funda onde se abria uma pequena cova destinada à lareira. No exterior, acendiam-se outras fogueiras, em pequenas covas, nas quais se introduziam calhaus, recolhidos na praia próxima, destinados a conservar o calor.

Na parte superior do nível arqueológico de Vale Pincel I foram descobertos escassos empedrados com calhaus partidos por acção do fogo.

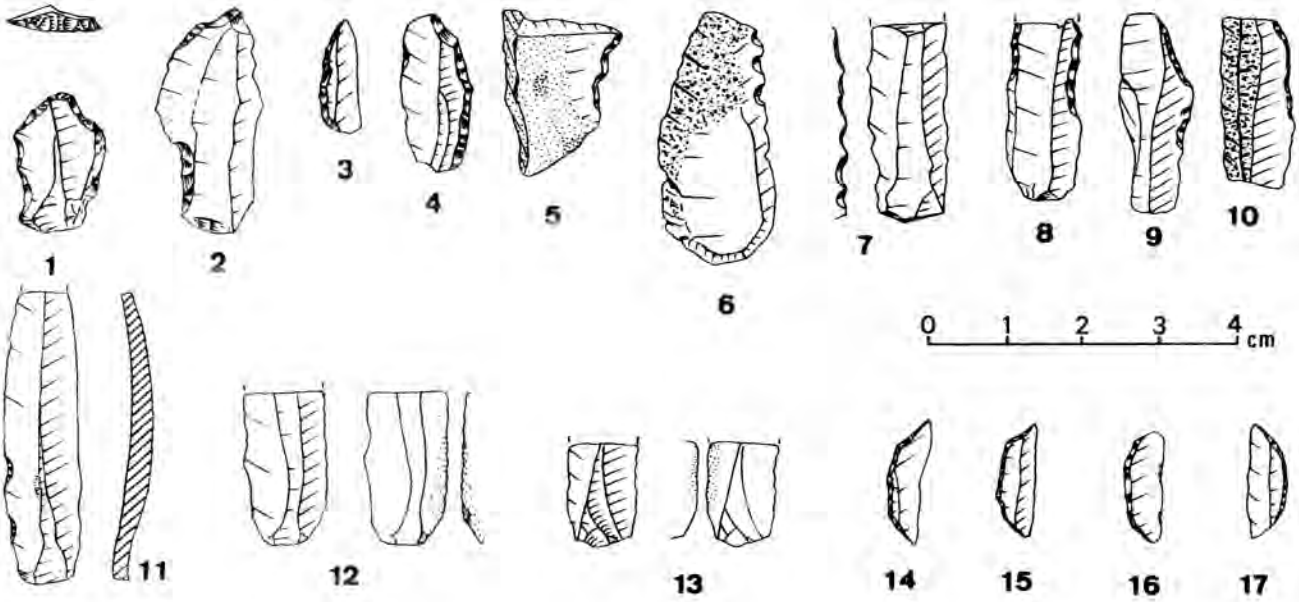


Fig. 4 – Indústria lítica da C.2d-3 de Vale Pincel I.

Fig. 5 – Cerâmica cardial (n.º 1), impressa a punção e plástica de Vale Pincel I.

A utensilagem lítica, de carácter lamelar e, em grande parte, relacionada com actividades depredadoras, indica, por um lado, uma forte tradição mesolítica e, por outro, uma adaptação a novas necessidades económicas: presença de elementos de foice sobre lamelas, raros instrumentos em pedra polida. A indústria em pedra lascada diferencia-se ainda da do Mesolítico por ser, no seu conjunto, mais diversificada, menos especializada.

Na cerâmica, as formas dos recipientes restringem-se quase exclusivamente aos esféricos altos em forma de saco e às taças em calote. A decoração, que ocorre sobretudo nos "sacos", abrange, de um modo geral a parte superior do vaso e é constituida por impressões obtidas predominantemente através de um utensílio ponteagudo actuado obliquamente; as impressões cardiais são raras; os cordões, muitas vezes segmentados, e os mamilos situados junto ao bordo surgem frequentemente; a técnica incisa foi utilizada em um número muito reduzido de exemplares.

Nota-se que a decoração impressa se manifesta em vasos de pasta friável e pouco homogénea, de paredes espessas e muito espessas, cozedura irregular, redutora-oxidante, superfícies mal alisadas, cerâmica que predomina na base do nível arqueológico. Há um outro grupo de cerâmica, por vezes decorado por um sulco horizontal situado junto ao bordo, que se desenvolve na parte superior do nível arqueológico e que se caracteriza por pasta menos friável, homogenea, de paredes pouco espessas cozedura mais regular e superfícies muito bem alisadas.

1

2

3

4

5

6

7

8

Fig. 6 – Aspecto da escavação de Vale Vistoso, povoado do Neolítico Antigo Evolucionado, situado sobre a falésia litoral, no limite Sul do concelho de Sines.

A evolução das técnicas ligadas à economia de produção de alimentos ter-se-ia processado lentamente. Numa segunda fase do Neolítico Antigo da Área de Sines, por volta dos finais do V milénio a.C., as populações continuam a ocupar locais arenosos, planos e abertos, sem condições naturais de defesa mas situados, agora, não só junto da falésia litoral, mas também no interior, nas margens de uma importante ribeira. Este facto pode corresponder a uma menor dependência dos recursos marinhos, e, conomitantemente, um maior domínio das técnicas agrícolas. Com efeito, na Salema, situada a 6 km. do Oceano e na margem esquerda da ribeira da Cascalheira, os índicios da prática da agricultura são mais evidente que em Vale Pincel I, surgindo a enxó completamente polida e diversos elementos de mós manuais. Ao mesmo tempo, os utensílios em sílex, na sua maioria fabricados a partir de lascas, formam um conjunto ainda menos especializado que o daquele povoado da falésia litoral.

A cerâmica, em geral de pasta compacta, oferece uma decoração impressa obtida a partir de uma grande variedade de matrizes que produziram triângulos, quadrados, UU, pontuações; presentes, também, as impressões cardiais. São frequentes as incisões. Os motivos decorativos distribuem-se por uma vasta área da superfície externa. A decoração,

Fig. 7 – Cerâmica cardial (n.º 2), impressa (n.ºs 3 e 5), impressa e incisa (n.ºs 1, 4 e 6), incisa (n.ºs 7, 8 e 10), plástica (n.º 9) e decorada por um sulco abaixo do bordo (n.ºs 11-13) do povoado da Salema.

1

2

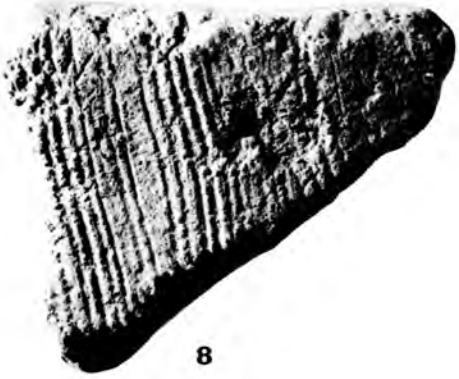
3

4

5

6

7



8

9

10

11

12

13

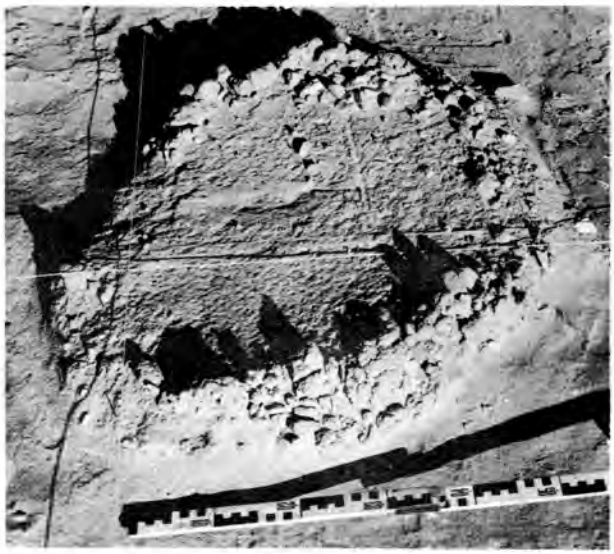


Fig. 8 – "Silo" do barro cozido do povoado da Salema.

formada por um sulco horizontal situado junto ao bordo, que em Vale Pincel I era escassa e aparecia principalmente na parte superior do nível arqueológico, é, agora, muito abundante.

As estruturas da *habitat* da Salema são mais elaboradas que as de Vale Pincel I. Embora não tenham sido identificados fundos de cabana, surgiram empedrados de calhaus partidos por acção do fogo (em Vale Pincel I ocorrem na parte superior do nível arqueológico) e uma estrutura desconhecida em Vale Pincel: o "silo" de barro cozido.

J. S. e C. T. S.

Fig. 9 – Empedrado da Salema constituído por pedras partidas por acção térmica; presentes dois fragmentos de elementos de mós.

Fig. 10 – A Malhada Alta vista do Pontal.

O NEOLÍTICO DA COMPORTA

Escavações do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva)

Os trabalhos realizados em 1979 em seis jazidas neolíticas da Comporta vieram contribuir para o conhecimento da evolução do Neolítico de cerâmica lisa no litoral a Sul do Tejo. A população que aí se estabeleceu durante o quarto e os inícios do terceiro milénios vivia essencialmente da pesca e da recolecção de marisco, e organizava-se em aldeias de curta duração situadas na extremidade de línguas de areia banhadas pelas águas do Oceano (a fauna recolhida em níveis de "concheiro" parece corresponder a um meio que, ao contrário do que sucede hoje, não seria de "fundo de estuário"; a Península de Tróia não existiria portanto).

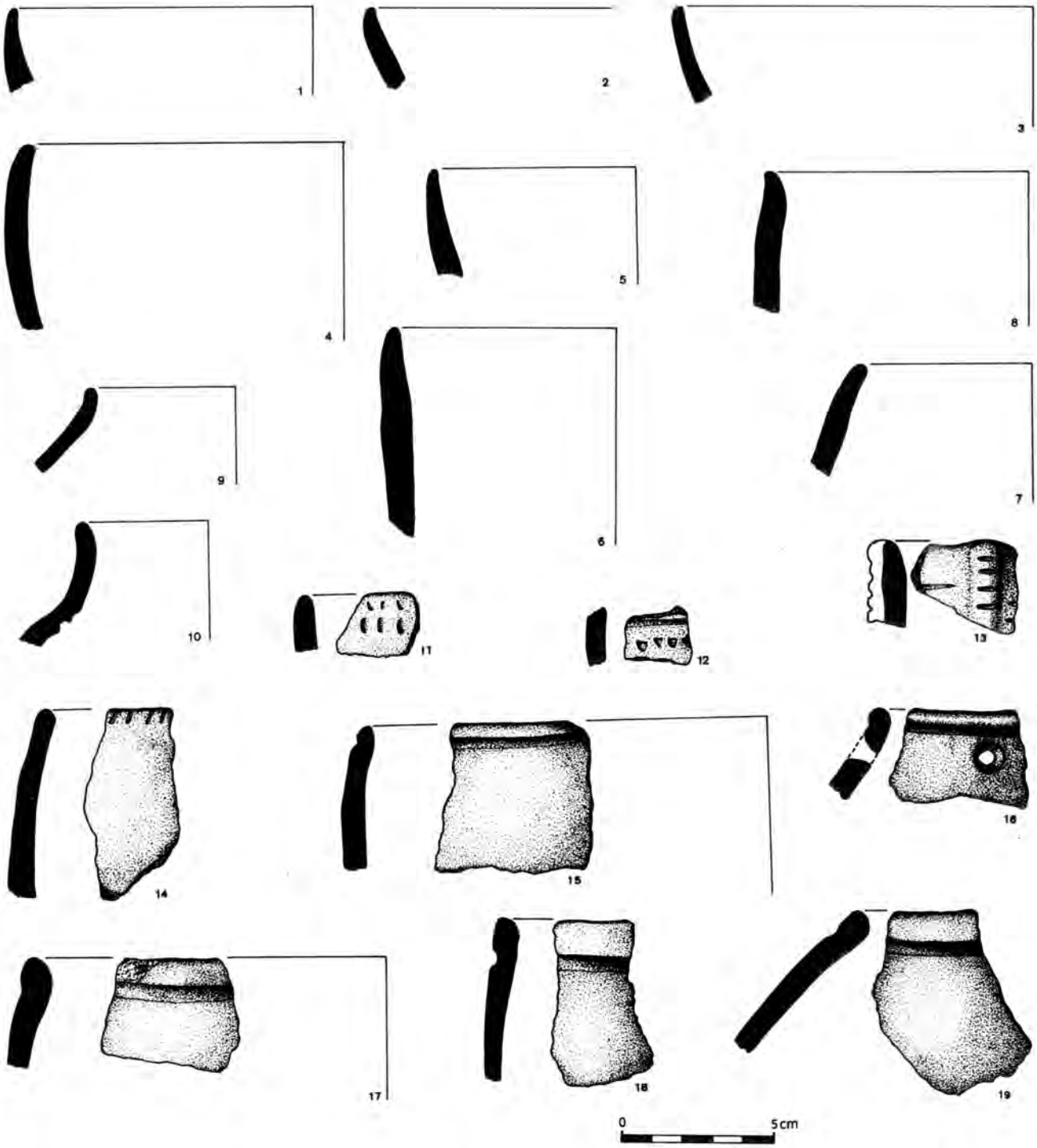
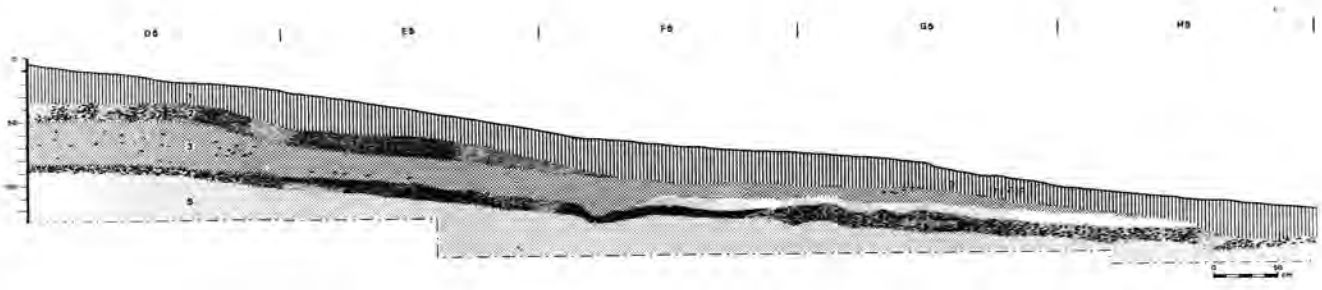

1
2
3
4
5
8
9
6
7
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
0
5cm

Fig. 11 – Cerâmica lisa e com decoração impressa (n.os 11 e 12), plástica (n.º 13) e incisa (n.os 14-19) do Pontal (Comporta I).

A mais antiga ocupação identificada (Comporta I – Pontal) integra talvez uma fase do Neolítico médio de tradição antiga, apresentando rara cerâmica decorada: impressa não cardial, plástica (cordões verticais segmentados e mamilos) e incisa (salienta-se a decoração formada por um sulco localizado abaixo do lábio, motivo que ocorre em Vale Pincel I, onde é extremamente raro, e se torna dominante na Salema e Ramalha; perdura no Pontal em fase de nítida decadência). As formas são constituídas por taças em calote, esféricos altos e vasos de colo. São abundantes os exemplares de pastas compactas e superfícies alisadas, embora predominem os de pasta semi-compacta com numerosos e bem calibrados grãos de areia, de superfícies alisadas-toscas, que se tornarão quase exclusivos em Comporta II. O Pontal pode remontar a meados do quarto milénio e marcar a transição do Neolítico antigo evolucionado de cerâmicas impressas e incisas, patente na Salema (Área de Sines), para o Neolítico médio de cerâmicas lisas.

Comporta II (Celeiro Velho, Possanco I, Malhada Alta, Barrosinha I e II e Sapalinho), com diversas sub-fases que se estendem pelo Neolítico médio-recente, possui cerâmica quase exclusivamente lisa, só muito excepcionalmente decorada por mamilos, com esféricos altos e médios e taças em calote. As superfícies são em geral toscas ou alisadas-toscas e a pasta é rica em grãos de areia; os recipientes foram fabricados pela técnica do rolo.

Fig. 12 – Perfil Norte dos quadrados D5-H5 da Barrosinha (Comporta II). Os níveis 2 e 4, com grandes concentrações de conchas de moluscos, correspondem às duas fases de ocupação do sítio.



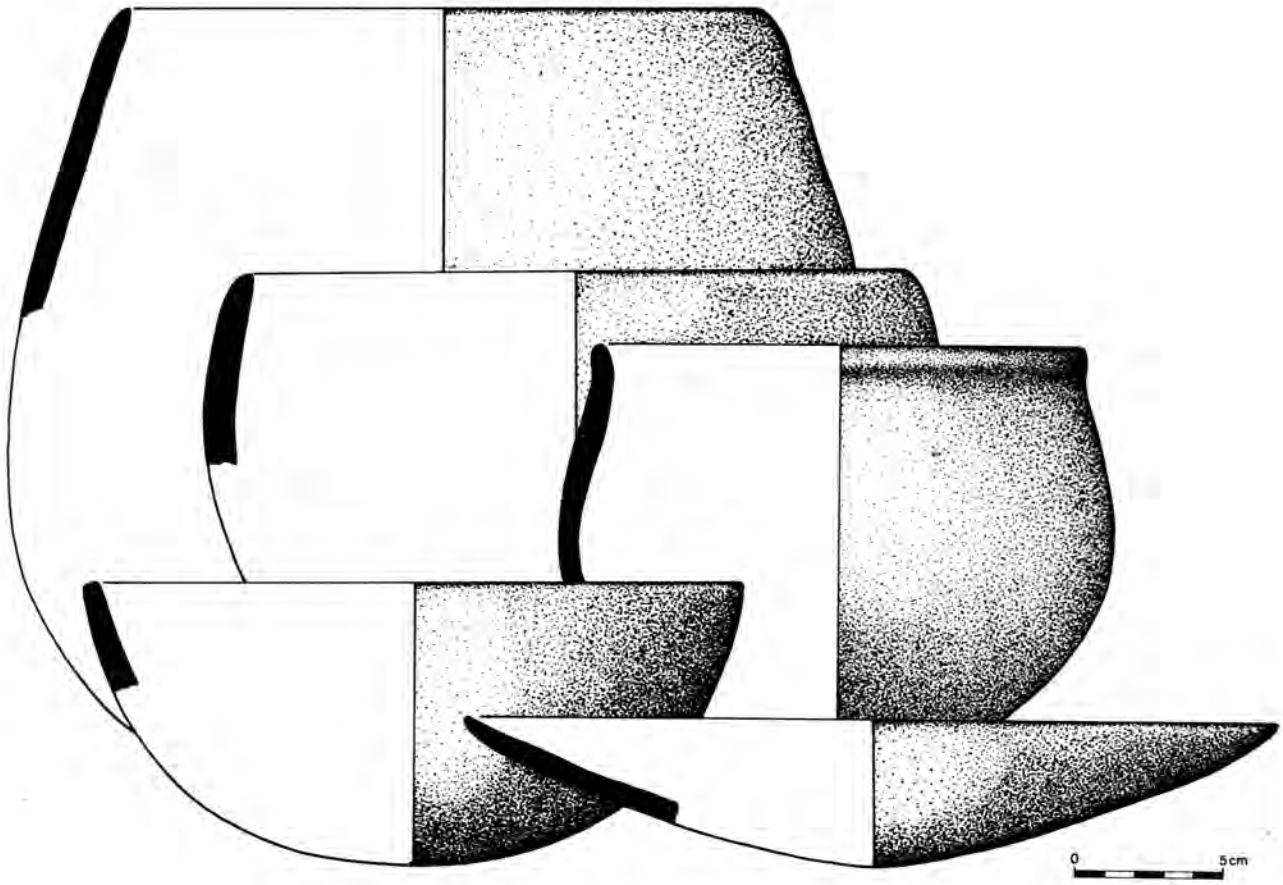


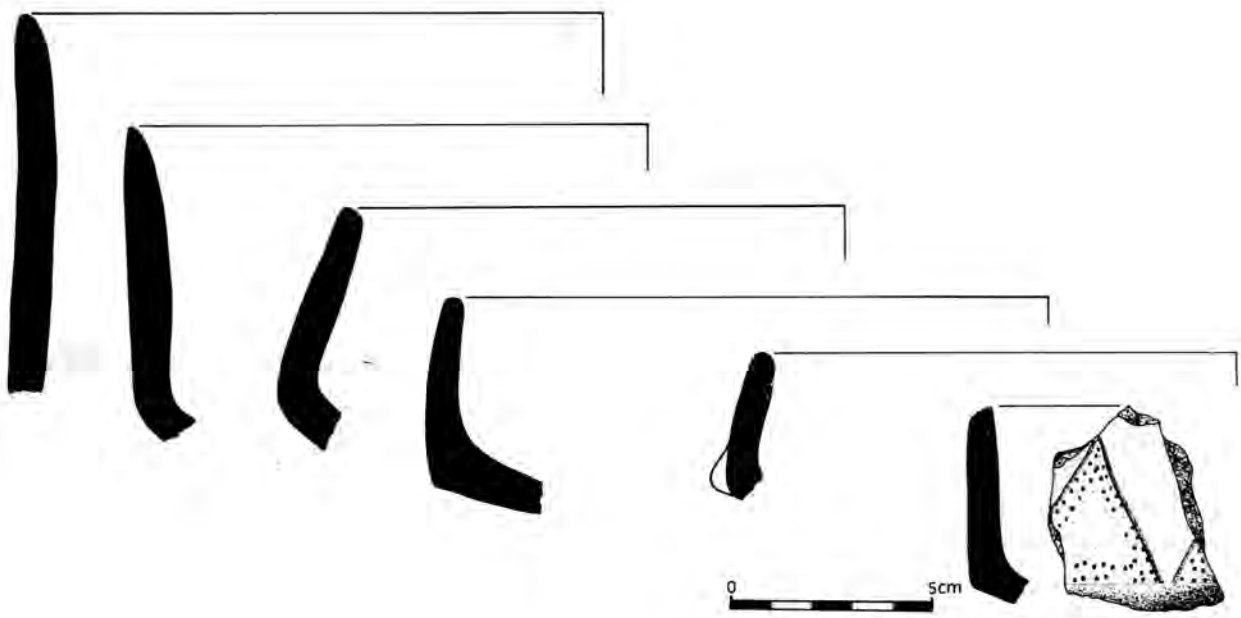
Fig. 13 – Formas cerâmicas da Malhada Alta (Comporta II).

Na última fase (Comporta III), correspondente ao Neolítico final e representada pela segunda ocupação do Possanco, a cerâmica torna-se mais variada, sendo muito abundante a taça carenada larga e baixa e os esféricos decorados por mamilos alongados; as superfícies surgem muito bem alisadas e polidas-espatuladas e a pasta é frequentemente compacta.

De um modo geral, a indústria lítica é notoriamente escassa nas jazidas da Comporta. De salientar a larga utilização do quartzo leitoso, muito especialmente no primeiro momento de Comporta II (Malhada Alta e Sapalinho); o silex ocorre principalmente no último momento de Comporta II (Celeiro Velho e Barrosinha II), assumindo um caracter marcadamente lamelar, com pouca diversidade de utensílios e grande importância do trabalho distal: truncaturas e furadores.

Os grupos humanos que viveram na Comporta diferenciavam-se, pois, e de forma vincada, quer económica quer culturalmente dos grupos megalíticos coetâneos, facto que mostra como a partir dos finais do Neolítico antigo se acentua o processo de regionalização e de divisão económico-social, em função dos factores inerentes aos respectivos ecosistemas e aos correspondentes meios de produção.

Fig. 14 – Cerâmica lisa e com decoração incisa e ponteada dos níveis superiores do Possanco (Comporta III).



CARTA ARQUEOLÓGICA DO ALGARVE (CAALG)

(Prospecções de Victor S. Gonçalves, Ana Arruda e Helena Catarino)

Em 1976, após a desagregação da equipa da Carta Arqueológica de Portugal/Levantamento Arqueológico do Alentejo, um certo vazio cartográfico não tardou a ser preenchido por iniciativas pontuais e por outras implicando uma mais cuidada planificação.

Os estudos preparatórios já levados a efeito apontavam, dada a escassez de meios técnicos e financeiros, para a escolha de uma ampla região natural, com uma individualidade cultural estabelecida à partida mas suficientemente pouco conhecida para justificar uma intervenção.

O Algarve reunia aparentemente todas estas características: prospectado por Estácio da Veiga no último quartel do século XIX, apresentava na sua área montanhosa, a oriente, uma grande mancha branca, indicando quase total ausência de conhecimentos sobre o povoamento pré e proto-histórico. A sua marcada individualidade adviria de representar uma área-tampão entre o Alentejo e o Algarve litoral, onde se conheciam já importantes monumentos. Designei esta região por Alto Algarve Oriental e defini a sua identidade através do limite oriental oferecido pelo Guadiana e a sua extensão pelo desenvolvimento de dois dos seus afluentes, as Ribeiras da Foupana e de Odeleite.

Em 1977, graças a informações de alguns estudantes do Centro de apoio universitário de Faro (Inácio Guerreiro Narciso, Júlio Tropa Mendes e José Pedro Martins), estabeleceu-se o primeiro contacto com monumentos megalíticos não cartografados da região.

O apoio da Câmara Municipal de Tavira e do Gabinete de Planeamento do Algarve (GAPA) permitiu a primeira intervenção, ainda em 1977. A equipa, constituída nessa primeira fase pelo director do projecto, V.S.G., por Ana Margarida Arruda, J.J. Janeirinho, Helena Catarino, Graça Nunes, Cristina e Nuno Santos, J. Pulído Valente e Vítor Tavares, iniciou uma planificação global incluindo busca bibliográfica e micro-toponímica e instalou um grupo de trabalho na povoação da Mealha, ensaiando métodos de prospecção.

Cartografaram-se nessa campanha as antas das Pedras Altas, da Masmorra e do Curral da Castelhana e a cista (megalítica?) da Rocha da Moura, os povoados árabe/medievais dos Estouriz, das Alcarias de Pedro Guerreiro e dos Guichos.

Em 1978, o apoio macisso do GAPA permitiu um ritmo mais adequado a um projecto deste tipo:

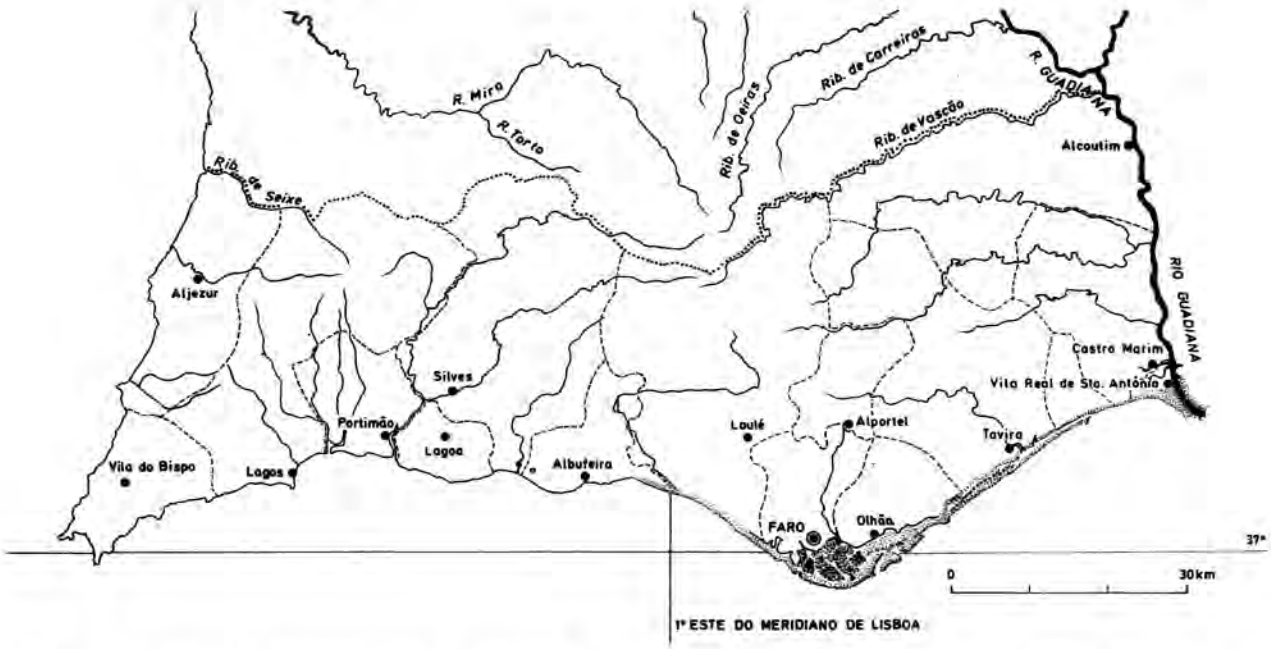


Fig. 15 – Divisão administrativa do Algarve. A actividade de prospecção da Carta Arqueológica do Algarve (CAALG) iniciou-se pelo Norte do Concelho de Tavira, estendeu-se ao Topo Oriental do Concelho de Loulé, ao concelho de Alcotim e, finalmente, a Castro Marim e Vila Real de Santo António.

foi possível continuar os trabalhos de prospecção e, simultâneamente, iniciar a escavação de alguns monumentos ameaçados, no que constitui a meu ver o indispensável entrosar destes dois métodos de reconstrução de uma dada diacronia pré ou proto-histórica: prospectar e inventariar, escavar e registar, únicas formas de entender o "funcionamento" de uma qualquer área e de situar as suas fases de ocupação em relação a tão incompleta panorâmica de que dispomos para o Ocidente Peninsular.

A escavação da Anta das Pedras Altas levantou um número elevado de questões, reforçando as actividades de prospecção dirigida. Assim, em Julho desse ano identifiquei o povoado calcolítico do Cerro do Castelo da Corte João Marques, o primeiro povoado de metalurgistas do cobre a ser escavado em todo o Algarve, e a re-prospecção do Cerro do Castelo das Mestras conduzia a uma nova identificação do mesmo tipo. Ainda em 1978 registavam-se informações referentes a um novo povoadc cujo enorme interesse ficava ainda por determinar, o de Santa Justa.

A anta do Curral da Castelhana, escavada nesse ano, revelava um espólio altamente significativo, parte dele indiscutivelmente conotável com a última fase de Almeria e a primeira de Los Millares, fases essas já visíveis no Cerro do Castelo da Corte João Marques.

Fazia-se assim a junção povoados/necrópoles, indispensável à prossecução de um projecto específico, entretanto surgido.

Ainda em finais de 1978, iniciaram-se a prospecção do Guadiana, permitindo a relocalização dos importantes conjuntos funerários da Idade do Bronze de Almada de Ouro, prospecções sistemáticas no topo e nas encostas N, NS e S do Cerro do Castelo de Santa Justa e a pistagem de diversas necrópoles da Idade do Bronze e de povoados árabe/medievais.

Em 1979, concluiu-se a 2.ª fase das escavações no Cerro do Castelo da Corte João Marques e iniciou-se uma primeira campanha em Santa Justa. Os resultados obtidos neste último povoado obrigaram

Fig. 16 – Localização da Anta das Pedras Altas (Mealha, Tavira), o primeiro monumento megalítico escavado pelo CAALG.

a uma alteração na planificação geral e a escavação prolongou-se por três meses consecutivos, no que foi, sem dúvida, a mais extensa escavação já efectuada em todo o Algarve.

Em 1980, a equipa do CAALG abrange, entre outros, as dras. Ana Margarida Arruda e Helena Catarino e um acordo assinado com o Departamento de Pré-História e Arqueologia da Universidade de Sevilha permitiu uma planificação luso-espanhola preparando uma intervenção conjunta no Baixo Guadiana, prevista para Setembro.

Prolonga-se assim, mau grado um certo desinteresse oficial, um projecto que, se outros méritos não tivera, fora dos primeiros a apresentar uma perspectiva coerente e a médio prazo para uma região, recusando essa prática tão portuguesa que consiste em abrir vinte buracos em vinte estações diferentes e, a partir daí, construir uma teoria aparentemente grandiosa, cujo desajustamento epistemológico é, no entanto, e para os desprevenidos, indício suficiente da sua fragilidade e incoerência.

V. S. G.

Fig. 17 – A mais recente descoberta de um monumento megalítico no Alto Algarve Oriental: a Anta 1 da Mesquita, localizada em 1979.

CERRO DO CASTELO DE CORTE
JOÃO MARQUES

Escavações da Carta Arqueológica do Algarve
(Victor S. Gonçalves e Ana Arruda)

Distrito: Faro
Concelho: Loulé
Freguesia Ameixial
Povoação mais próxima: Corte João Marques
Coord. Gauss X – 45.7
Y – 221
CMP: 581 (1951)

Identificado em 1978, o povoado calcolítico do Cerro do Castelo de Corte João Marques foi objecto de uma intervenção de emergência nesse mesmo ano. Apesar da urgência verificada, os trabalhos, que duraram sessenta dias úteis, não puderam concluir-se, devido às condições meteorológicas verificadas na última semana.

Em 1979, retomaram-se os trabalhos, estando neste momento praticamente concluídos nas principais áreas em averiguação.

Estruturas: o povoado revelou três tipos de estruturas (1) buracos de poste isolados (2) cabanas (3) estruturas de significado pouco claro.

As cabanas encontradas, duas, encontravam-se parcialmente sobrepostas. A mais antiga era acompanhada por uma série de pequenos buracos de poste e, no centro da mais recente, encontrava-se um outro, provável apoio de um poste central.

Os buracos de poste isolados deveriam pertencer a uma estrutura hoje desaparecida. Aliás, grande parte do povoado foi profundamente agricultada, o que implicou destruições generalizadas e profundos revolvimentos de grandes áreas. Apenas parte das cabanas sobrepostas escapou ao arado, provavelmente por se encontrar numa parte do Cerro tradicionalmente não agricultada. Só assim se explica aliás a sua conservação a tão pequena profundidade.

As estruturas de significado pouco nítido são duas. Uma, naviforme, continha cerâmica muito fragmentada, outra, rectangular, continha também cerâmica mas muitos dos fragmentos estavam em conexão e no seu exterior havia vestígios de um solo de ocupação (percutores, cerâmica e outros artefactos).

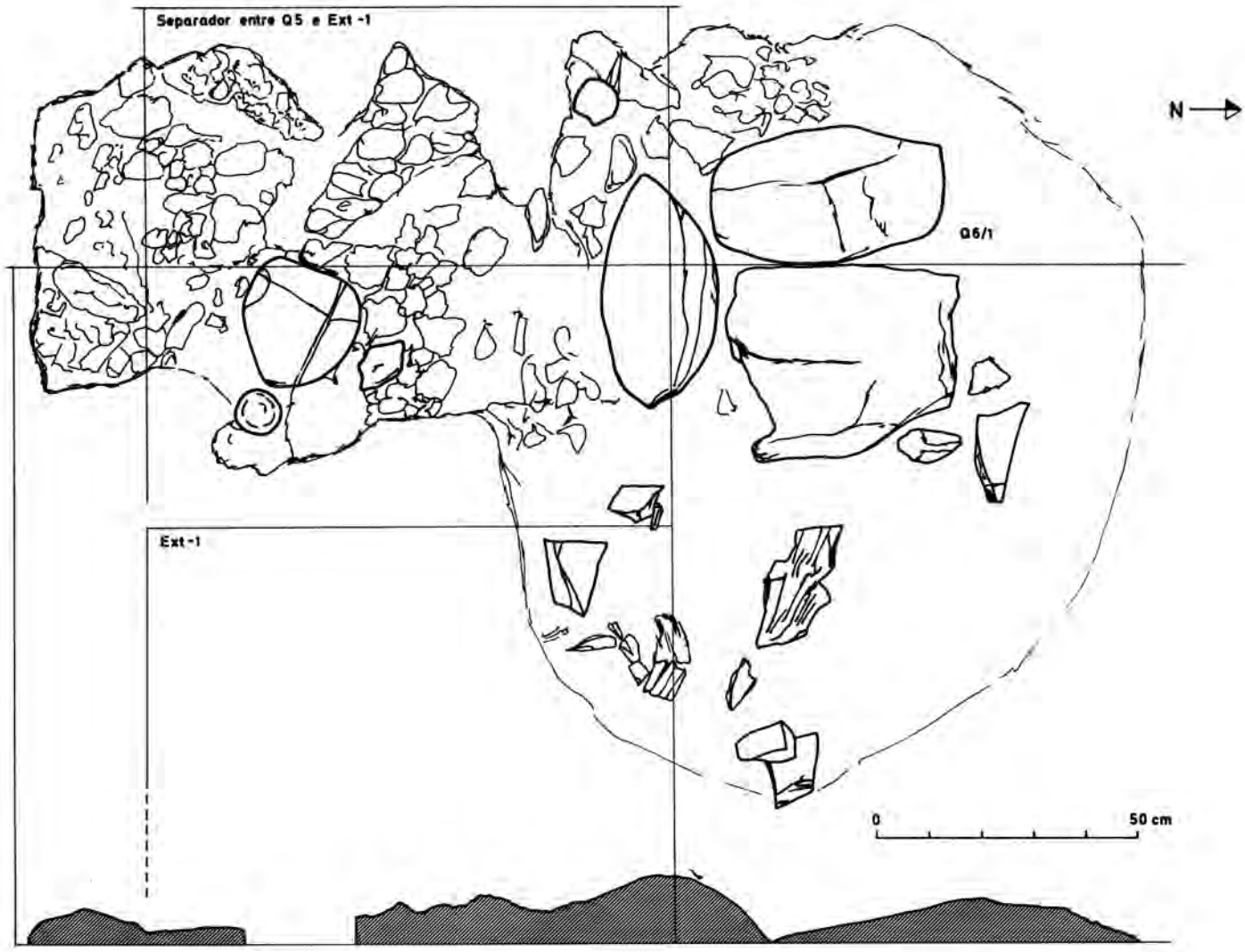


Fig. 18 – Estrutura relacionada com a metalurgia do cobre. Cerro do Castelo de Corte João Marques

A indústria lítica é escassa, composta por elemento de foice, laminas e pontas de seta, a maior parte em xisto (no que respeita à pedra lascada). Alguns machados e enxós foram recolhidos bem como numerosos percutores, em quartzo e rochas duras. Quase duas centenas de componentes de mós manuais (dormentes e moventes) foram recolhidos, o que indica uma considerável actividade agrícola. A cerâmica distribui-se pelas seguintes formas reconhecidas: esféricos altos e médios, taças de bordo espessado internamente, pratos com e sem bordo almendrado, carenas médias, pequenos esféricos, potes.

Três fragmentos apresentam decoração, num total de mais de 1500 bordos recolhidos, mas se a presença estatística é insignificante tal não acontece no que respeita à temática decorativa: dois deles apresentam os triângulos simbólicos e o terceiro o olho solar, as pinturas faciais e o "umbigo" da Grande Deusa Mãe do Ocidente.

A utensilagem em cobre é abundante: machado, enxó, lâminas, furadores, para além de cadinhos de fundição, ainda com cobre aderente, prova bastante de que a metalurgia se exercia em pleno povoado.

Aliás na campanha de 1979 prosseguiram as escavações em Ext. 1/ Q5, 6, no que se pensa ser uma área de fundição, tendo-se recolhido amostras para datação por processos arqueomagnéticos.

O Cerro do Castelo da Corte João Marques foi ocupado por uma população de metalurgistas do cobre cuja subsistência se baseava ainda na agricultura de enxada e, provavelmente, no pastoreio (se bem que a acidez do solo tenha eliminado todos os vestígios orgânicos, encontrou-se uma queijeira, junto a uma das cabanas, e diversos fragmentos dispersos).

A presença da Grande Deusa Mãe do Ocidente, impropriamente chamada "millarense", vem ligar, a nível das superstruturas, este núcleo de povoamento calcolítico a outros sítios conhecidos no Baixo Alentejo e no Centro de Portugal, nomeadamente necrópoles megalíticas de tipo mais ou menos evoluído. Recorda-se o vaso proveniente do exterior da Anta Grande do Zambujeiro, os fragmentos da Anta do Olival da Pega e o vaso do tholos do Monte do Outeiro.

— 2500 parece ser a cronologia possível para este povoado, de uma única ocupação.

V. S. G.

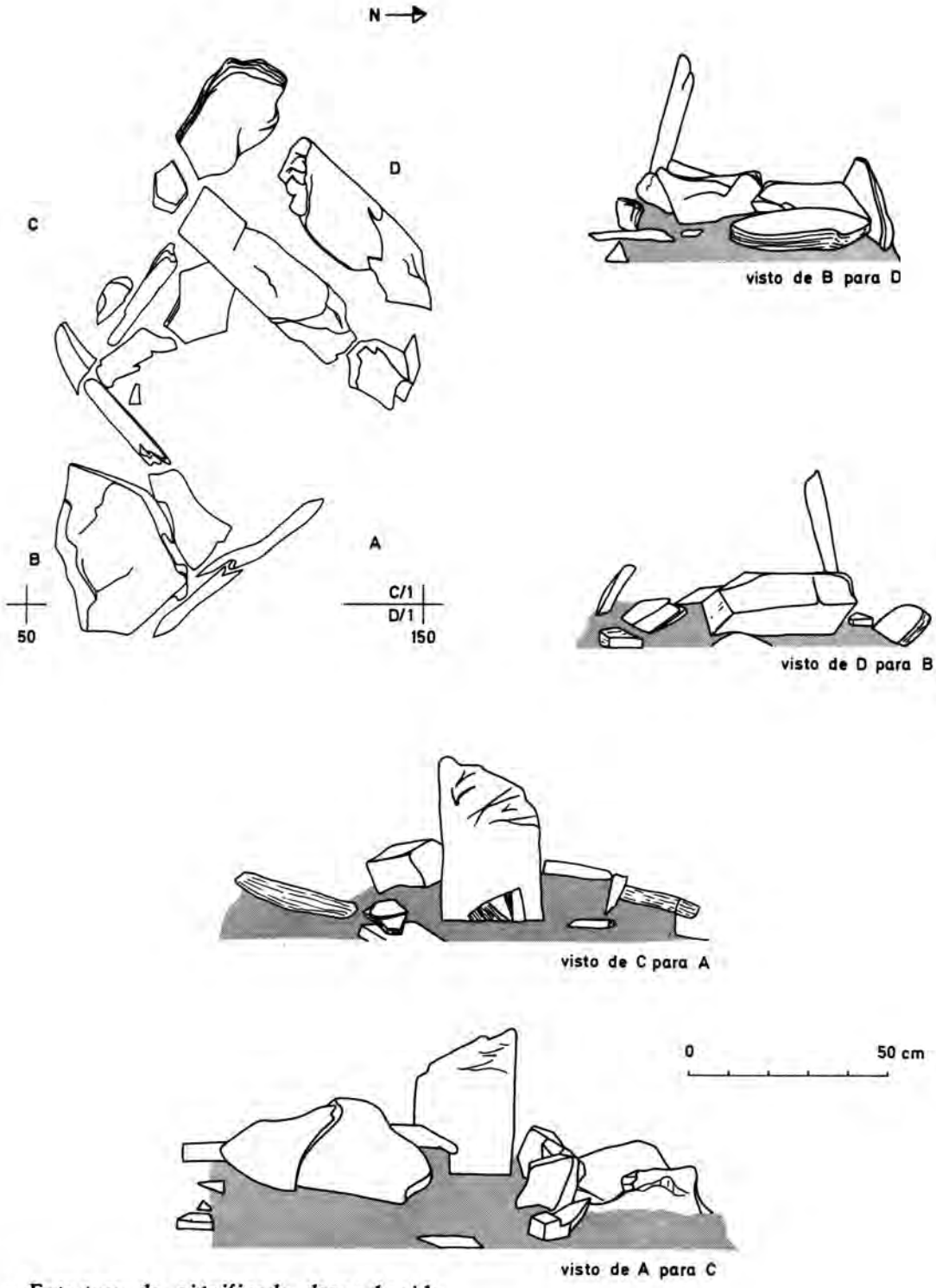


Fig. 19 – Estrutura de significado desconhecido (Cerro do Castelo de Corte João Marques)

CERRO DO CASTELO DE SANTA JUSTA

Escavações da Carta Arqueológica do Algarve
(Victor S. Gonçalves)

Distrito: Faro
Concelho: Alcoutim
Freguesia: Martim Longo
Povoação mais
próxima: Santa Justa
Coord. Gauss: X – 50.6
Y – 238.1
CMP: 574 (1951)

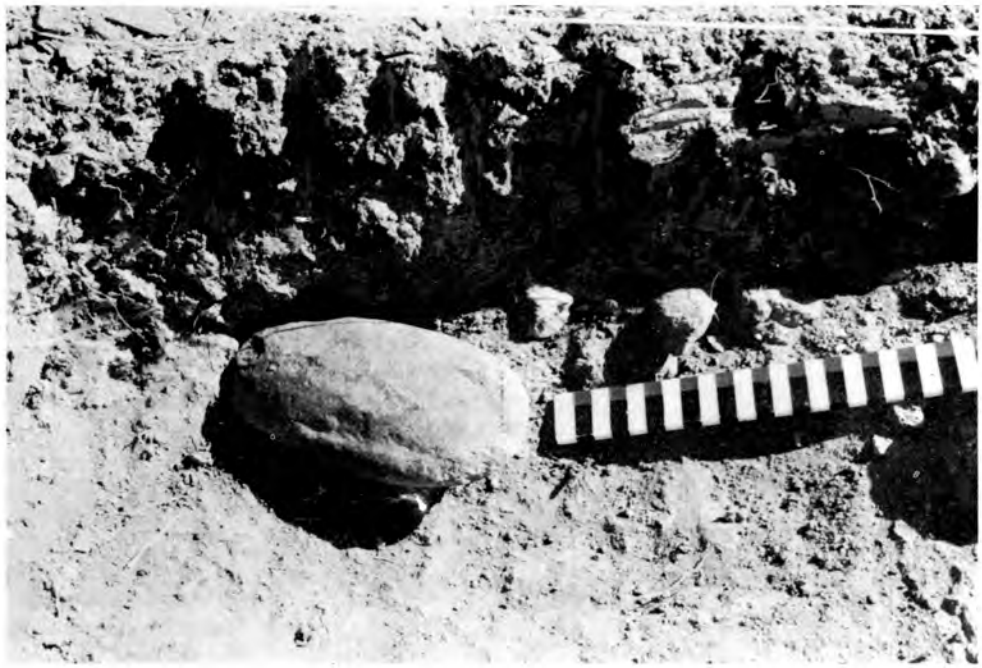
Identificado em 1978, o povoado calcolítico do Cerro do Castelo de Santa Justa foi prospectado ainda esse ano tendo sido recolhidos à sua superfície alguns fragmentos cerâmicos típicos da Idade do Cobre e algumas dezenas de componentes de mós manuais (dormentes e moventes). A escassez do espólio dava a entender tratar-se ou de um povoado bem conservado ou de uma área muito afectada pela agricultura. Contrariamente à cerâmica recolhida no Cerro do Castelo das Mestras, muito rolada, a cerâmica recolhida apresentava fracturas frescas, estando alguns fragmentos ainda em conexão.

Programou-se então uma campanha para 1979, no sentido de se verificarem os presumidos paralelismos com Corte João Marques e se averiguar o estado de conservação do sítio. Procurava-se igualmente justificar, perante a eventual importância do povoado, a intervenção de emergência tornada necessária pelo recomeço de uma agricultura sistemática, tanto nas encostas como no próprio topo do Cerro.

A campanha, inicialmente prevista como de curta duração, acabou por se alongar por Setembro, Outubro e Novembro, fornecendo dados de uma extraordinária importância, porque susceptíveis de generalização, sobre um período artificialmente conhecido em Portugal. E artificialmente porque a maior parte das conclusões deriva de colagens, algumas inteligentes, outras arbitrárias, de factos recolhidos em estações diversas, muitas delas escavadas sem metodologias adequadas

A primeira observação que farei diz respeito ao excelente estado de conservação do povoado e à sua explicação: as cabanas (identificaram-se três)

Figs. 20 e 21 – Buraco escavado no xisto e estruturado, L12, e fragmentos de crescentes (pesos de tear). Cerro do Castelo de Santa Justa.



Figs. 22 e 23 – Componente de mó manual (movente), in situ *e face operante. Cerro do Castelo de Santa Justa.*

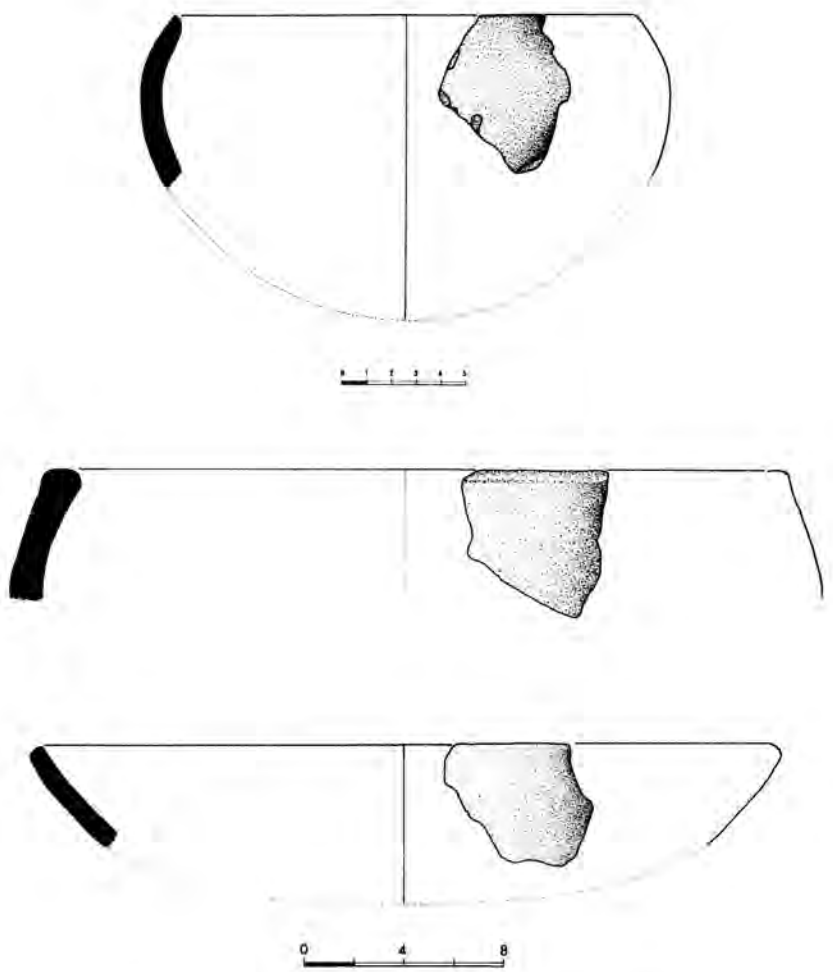


Fig. 24 – Cerâmica recolhida nas primeiras prospecções no Cerro do Castelo de Santa Justa

eram cobertas por caniçadas revestidas com argila. Na fase de abandono do povoado, estas coberturas arderam e caíram no solo. Constituiu-se assim uma camada espessa, recozida pelo fogo, que protegeu os solos de ocupação e as associações horizontais dos restos da cultura material. Ao mesmo tempo, esta camada homogénea de argila contribuiu para evitar a lexiviação, explicação provável para se terem conservado numerosos vestígios osteológicos da fauna consumida bem como milhares de sementes, armazenadas junto às muralhas ou muros defensivos.

Alguns pontos se podem desde já reter.

Estruturas : De quatros tipos. (1) muros defensivos, incluindo torres ocas e provavelmente uma macissa (2) cabanas circulares (3) buraco escavado no xisto (4) fogueiras estruturadas.

Espólio : Lítico: pouco significativo (lâminas, furadores, pontas de seta). Numerosos percutores, raro espólio lítico "pesado" com funções de corte (1 machado, uma enxó), quase duas centenas de componentes de mós manuais (apenas algumas dezenas in situ).

Cerâmico: extraordinariamente abundante e distribuível pelas seguintes formas: esféricos altos, globulares, esféricos achatados, taças em calote, pratos, pequeno esférico, tronco-cónicos, suportes de vaso, "copos".

Ósseo – furadores e espátulas em osso polido.

De adorno pessoal: contas discóides, em xisto, e de pedra verde.

Metálico: machadcs, furadores, e outros artefactos, num total de quase três dezenas, para além de restos de cadinhos.

Flora: trigo e cevada (sementes carbonizadas, classificação provisória do Eng. Pinto da Silva).

Fauna: ovi-caprídeos, cervídeos e suídeos já reconhecidos.

Uma palavra sobre um aspecto que parece de grande importância: junto às três fogueiras estruturadas, particularmente as fogueiras 2 e 3, encontraram-se várias falanges (provavelmente de cervídeo e suídeo), com vestígios do tipico polimento de desbaste presente nas peças votivas encontradas nas sepulturas desta época. Noutro ponto do povoado, recolheu-se um outro osso, trabalhado de forma a se obter um ídolo "garrafa".

Uma das falanges estava gravada com os elemen-

Fig. 25 – (em cima) Falange polida, com vestígios de um olho solar (topo, à esquerda do observador). 1:1

Fig. 26 – Cerâmica proveniente das escavações efectuadas em 1979. Cerro do Castelo de Santa Justa.

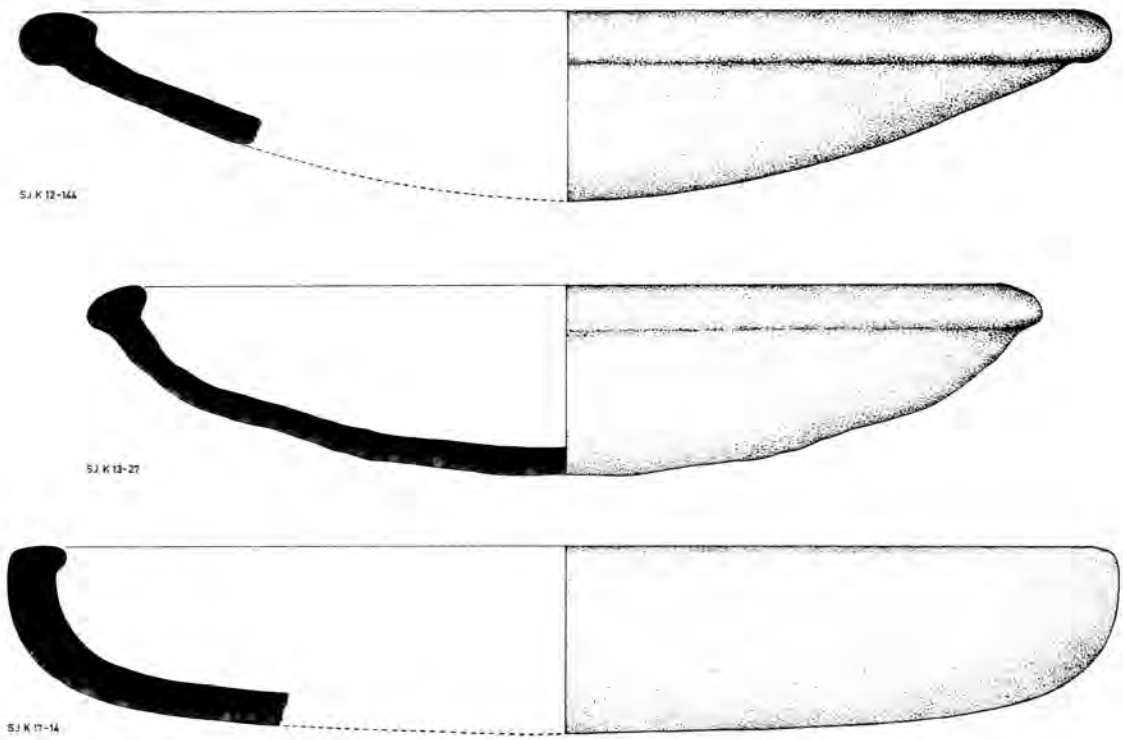


Fig. 27 – (em cima) Pratos de bordo almendrado e de bordo espessado internamente. Cerro do Castelo de Santa Justa.

Fig. 28 – (à direita) Torre oca adossada ao reforço do Muro principal. Cerro do Castelo de Santa Justa.

tos típicos dos ídolos cilindróides tipo Moncarapacho: olhos em forma de sol, pinturas faciais e sobrancelhas, tendo ainda dois seios em relêvo. Tal figurinha assume grande importância, por permitir, pela primeira vez, um enquadramento cultural preciso deste tipo de ídolos, até hoje achados sempre fora de contexto, e pela proximidade temática com o vaso de Corte João Marques.

Uma série de falanges talhadas zoomorficamente foi igualmente recolhida.

Para além do espólio rapidamente referido, há que sublinhar a existência de áreas funcionais muito explícitas: um "tear" (mais de mil e quinhentos fragmentos de pesos de tear em conexão), uma área de cozinha (três fogueiras, restos de cozinha, cinzas e carvão), uma área habitacional em sentido estrito (três cabanas), uma área de defesa (incluindo torres e estruturas adicionais).

Se a leitura horizontal nos fornece estes dados, a leitura vertical não é menos interessante: as construções defensivas arrancam do último solo de ocupação, o que invalida a hipótese de as fortificações corresponderem à chegada de um dado grupo humano, exógeno. Como se não verificam significativas alterações de espólio ao longo dos diversos solos de ocupação, não parecem restar dúvidas de que (1) o povoado foi ocupado por uma única comunidade, sem hiatos, ao longo de um certo período (2) essa comunidade dominava a metalurgia do cobre desde os primeiros momentos de ocupação do povoado (3) a agricultura, a pastorícia e a caça constituiam as bases económicas desta comunidade a que a designação de calcolítica não basta: trata-se efectivamente de um grupo estável no espaço-tempo, com uma agricultura muito provavelmente de meandro mas com todas as características de uma economia mista. A metalurgia do cobre determina deslocações específicas prospecção/mineração a que se seguem períodos de manufactura e, com toda a probabilidade, deslocações "comerciais" (4) para além de *divindades* zoomórficas, era cultuada a Grande Deusa Mãe do Ocidente (com uma simbólica idêntica à de Los Millares e à dos ídolos cilindróides tipo Moncarapacho). Uma análise mais detalhada da superstrutura em que estes elementos se integram é indispensável para uma efectiva compreensão da dinâmica própria às comunidades calcolíticas estáveis e aos prospectores de cobre.

Elementos exógenos ao Sudoeste Peninsular não se encontraram, até ao presente momento, no Cerro do Castelo de Santa Justa (como ausentes estão do Cerro do Castelo de Corte João Marques). Nenhum traço de "colonização" é discernível, portanto, uma vez que nem sequer artefactos importados se recolheram. O que fica, no entanto, por esclarecer, e não é o menos importante, é justamente os antecedentes imediatos desta comunidade que evolui localmente. No meu entender, e com argumentos a discutir brevemente com detalhe, as origens destas comunidades de agricultores/caçadores/pastores/metalurgistas deverá ser

Fig. 29 – Componente de mó manual (dormente). Cerro do Castelo de Santa Justa.

procurada nos povoados dos construtores dos monumentos megalíticos do neolítico final do Sul da Península, nomeadamente na grande mancha que cobre o Algarve, o Baixo Alentejo, Huelva, a Andaluzia... Grupos de pastores que através da metalurgia do cobre se estabilizam num espaço amplo. Esta a provável origem do calcolítico do Sul. E não seria demasiado arriscado referir o desdobramento do Guadiana, as planícies alentejanas e o litoral como as vias de difusão ou os caminhos das trocas "comerciais" que necessariamente explicarão uma certa homogeneidade superstrutural para que, de outra forma, dificilmente encontraríamos justificação.

V. S. G.

Fig. 30 – Fogueira estruturada 3. Cerro do Castelo de Santa Justa.

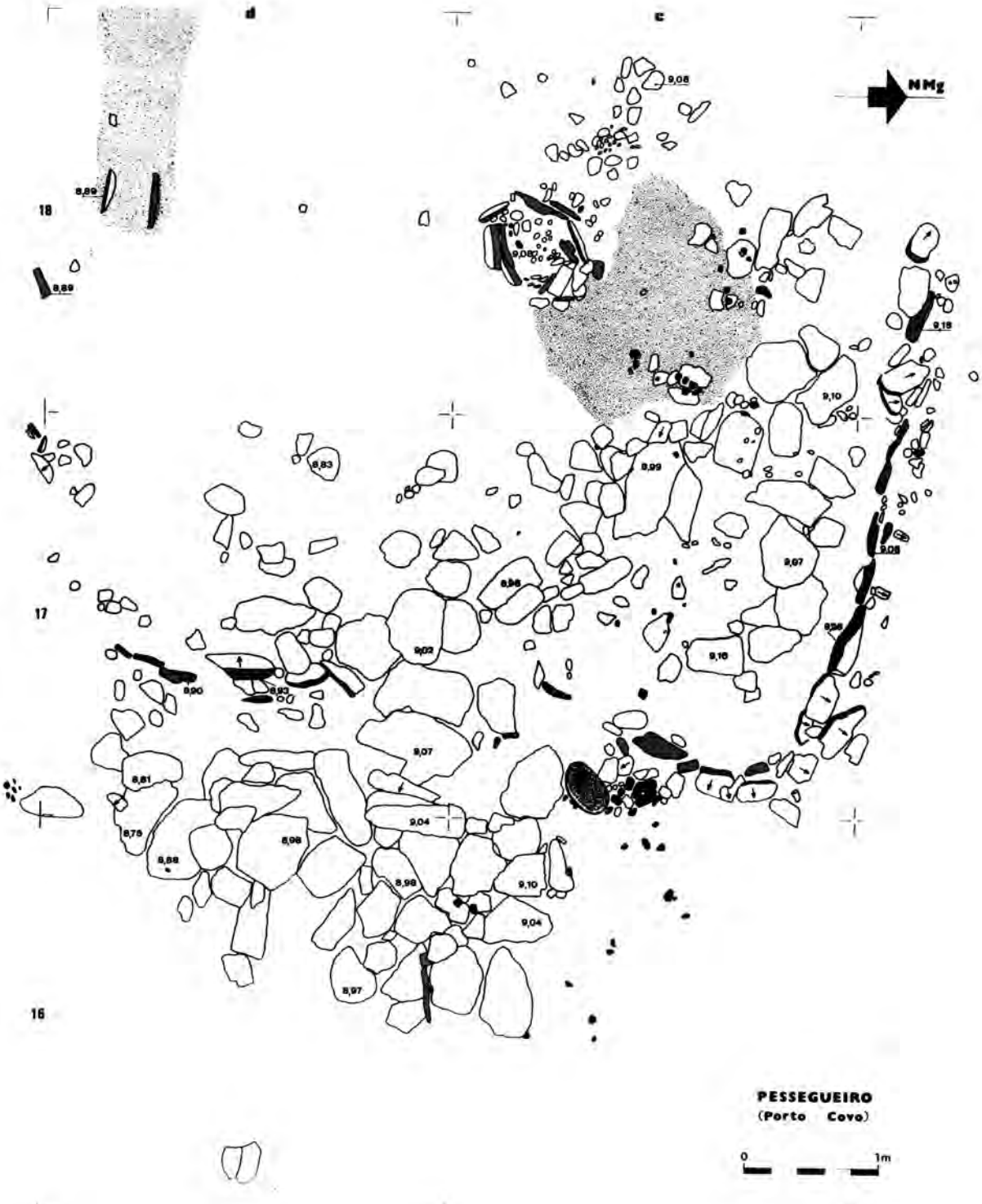
O "BRONZE DO SO." NA ÁREA DE SINES

Escavações do Grupo de Trabalho de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines (Carlos Tavares da da Silva e Joaquina Soares).

O Bronze na Área de Sines integra-se na Cultura do Bronze do Sudoeste, conhecida, até aos nossos trabalhos naquela região, unicamente através de achados de carácter funerário. Sines forneceu os primeiros povoados dessa cultura.

Quer no Pessegueiro quer na Quitéria, onde identificámos estruturas habitacionais do Bronze do Sudoeste, verificámos que o povoado se situava em uma zona plana, aberta, sem condições naturais de defesa e nas proximidades do, ou dos monumentos sepulcrais. Na primeira destas jazidas, o nucleo habitacional era rodeado por diversos monumentos funerários que se localizavam a escassas dezenas de metros. A população, cuja economia assentaria fundamentalmente na pesca (anzol em cobre/bronze) e na recolecção de marisco, dedicar-se-ia igualmente à metalurgia do cobre (cadinhos de fundição) e praticaria, embora de um modo pouco relevante, a agricultura (alguns elementos de foice – denticulados com "lustre de cereal" – e escassas mós manuais); habitaria em cabanas talvez de planta rectangular de que ficaram os buracos de poste estruturados com calhaus e pequenas lajes de xisto, os reforços das bases das paredes constituídas por lajes de xisto implantados verticalmente e um pavimento lajeado. O fogo era aceso em lareiras sub-circulares, rodeadas por calhaus e lajes, com o fundo plano, de barro cozido, e sobreelevado relativamente ao pavimento das habitações.

Esta população utilizava recipientes de cerâmica raramente decorada, cujas formas, embora em alguns casos pareçam estar na evolução de formas calcolíticas (taças largas de bordo espessado internamente, com o espessamento arredondado, fazendo lembrar o dos pratos de bordo almendrado da Idade do Cobre), mostra maior variedade que as dos períodos precedentes, reflectindo, por certo, o aparecimento de novas necessidades: são muito comuns, além das taças largas a que fizemos refe-


d
c
NMg
18
17
16
8,89
9,08
9,08?
9,19
9,10
8,83
8,99
9,05
9,07
8,96
9,02
9,10
8,90
8,93
9,07
8,81
8,75
8,88
8,98
9,04
8,98
9,10
9,04
8,97
PESSEGUEIRO
(Porto Covo)
0
1m

rência, as "tijelas", por vezes de fundo plano, e os vasos altos e sub-cilindricos com mamilos junto ao bordo e de fundo plano, em menor quantidade, ocorrem as formas carenadas, algumas aproximando-se das "taças tipo Santa Vitória", e os vasos de colo estrangulado decorados ou por nervuras verticais ou por bandas horizontais de pontuações e de curtas e estreitas nervuras, especimenes característicos do Bronze II do Sudoeste.

Fig. 31 – Planta de uma cabana lajeada, com lareira, do povoado do "Bronze do SO" do Pessegueiro.

Fig. 32 – Lareira e zona de calhaus com acção do fogo. (Pessegueiro).

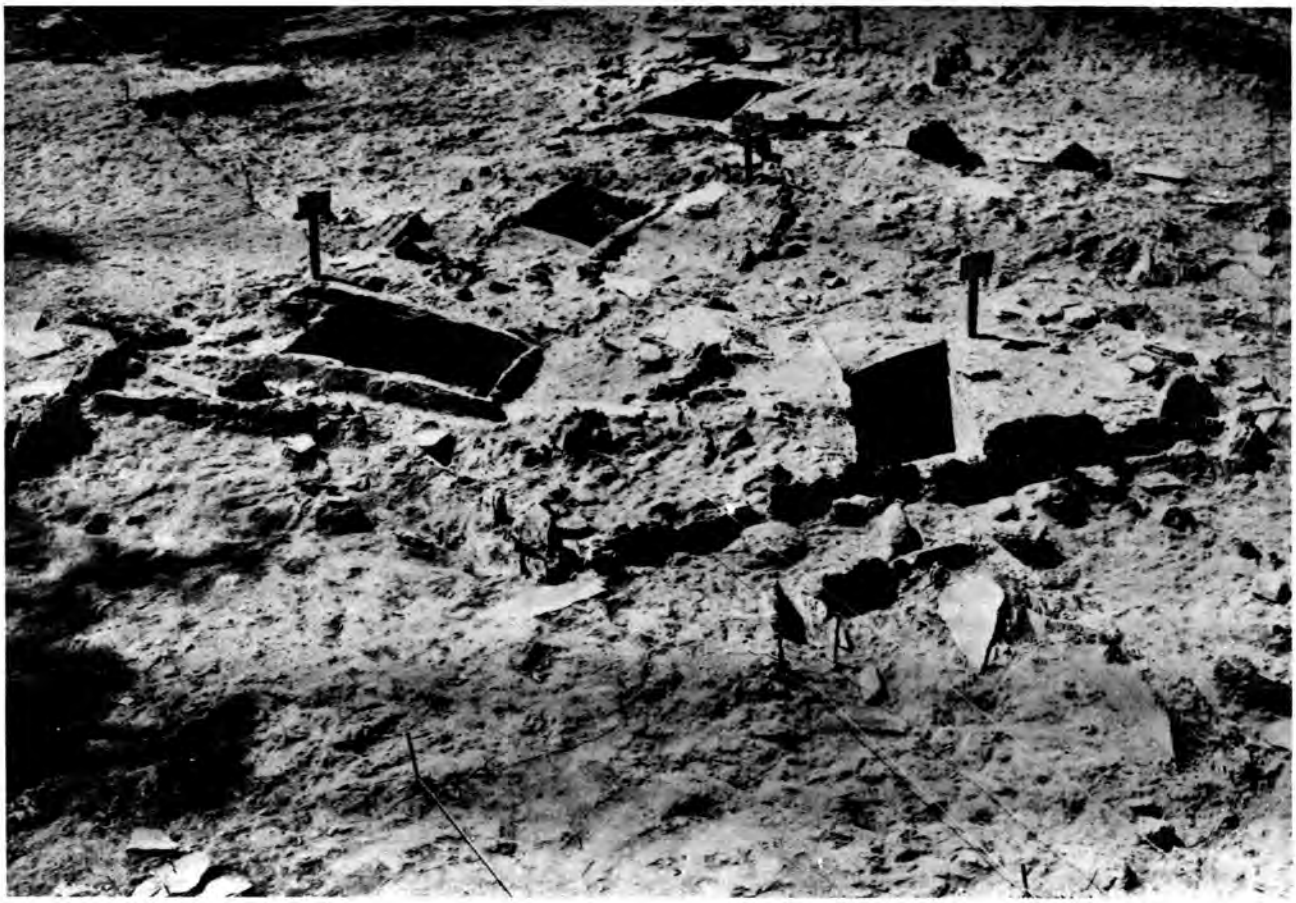


Fig. 33 – Aspecto parcial do monumento I da necrópole da Provença.

As necrópolos são formadas por monumentos com um número variável de sepulturas de tipo cista. Estas, cujo comprimento ronda normalmente 1 metro e são cobertas por tampa monolítica, integram-se em recintos tumulares de planta rectangular, limitados por lajes verticais. Os recintos confinam entre si. Assim, o monumento apresenta o aspecto geral de um favo, sendo a sua planta caracteristica de um dos grupos ou fácies culturais do Bronze do Sudoeste que se desenvolve na região de Sines.

As sepulturas seriam, de um modo geral, individuais, embora na sep. 24 da Quitéria tenham sido encontrados os esqueletos de dois indivíduos sepultados simultâneamente. O morto era colocado em posição contraída e quase sempre acompanhado de uma única peça, normalmente de cerâmica (pequeno recipiente); por vezes, não era depositado qualquer espólio; muito excepcionalmente o morto foi acompanhado de um espólio relativamente rico (sep. 12 da Provença).

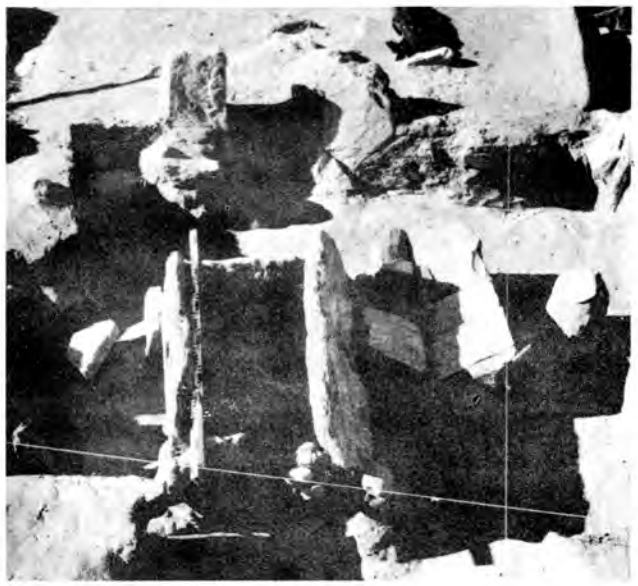


Fig. 34 – Sepultura da necrópole da Quitéria com esqueleto de um enterramento em decubito lateral e posição contraída.

Fig. 35 – Sepultura da necrópole da Provença com um vaso de colo estrangulado e nervuras verticais do "Bronze II do SO".

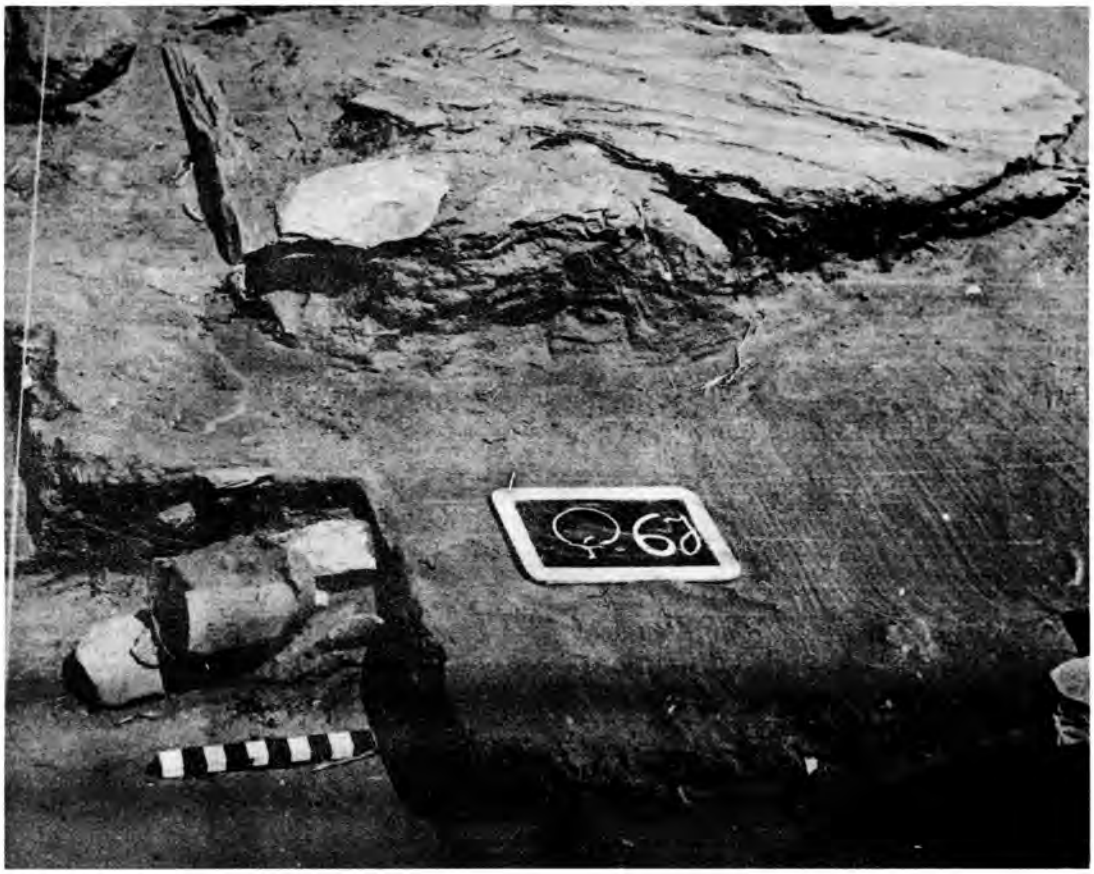


Fig. 36 – Vaso em cerâmica depositado no recinto tumular de uma sepultura da necrópole da Quitéria.

No exterior das sepulturas, mas na área dos recintos tumulares, foram colocadas peças de cerâmica, inteiras ou fragmentadas. É possível que a terra dos tumuli tenha sido, por razões rituais, transportada do povoado.

Através da análise tipológica, verifica-se que as necrópoles conhecidas no litoral de Sines teriam tido os seus inícios talvez nos finais do Bronze I do Sudoeste (núcleo mais antigo da Provença), prolongando-se por todo o Bronze II (fase 2 da Provença, Quitéria e Pessegueiro) e terminando por volta de 900/800 a.C..

Os testemunhos arqueológicos disponíveis (desenvolvimento da actividade metalúrgica, carácter individual das sepulturas, aparecimento excepcional de sepulturas ricas, povoados de planície sem condições naturais de defesa e ainda, fora da Área de Sines, a descoberta de tampas sepulcrais decoradas com representações de armas e possíveis símbolos de autoridade parecem estar de acordo com um modelo de sociedade já bastante diferenciada e na qual, inclusivamente, pelo incremento da actividade metalúrgica que teria provocado um maior desenvolvimento das forças produtivas e acentuado a divisão social do trabalho ocorrido na Idade do Cobre, se verificaria uma profunda alteração das estruturas sociais comunitárias no sentido do aparecimento, nos finais do Bronze do Sudoeste, das formas embrionárias da sociedade classista e da organização estatal.

C. T. S. e J. S.

O ACAMPAMENTO DO BRONZE FINAL DAS PONTES DE MARCHIL

Escavações do Centro de Arte Prehistórica Caetano Beirão, Jorge Pinho Monteiro e Mário Varela Gomes) e do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva.

A estação das Pontes de Marchil ocupa uma elevação aplanada (hoje parcialmente alterada pelo encaixe da estrada nacional e por obras de urbanização) que se ergue ligeiramente sobre os terrenos pantanosos da ria de Faro, para os quais desce em vertentes suaves, a sul, oeste e norte. A leste é ladeada pela ribeira de Marchil. A camada arqueológica assenta sobre uma formação areno-argilosa muito compacta, aparentemente sedimentada em meio lacustre de baixa energia, que integra lateralmente depósitos fluviais interestratificados originados pelas transgressões e regressões da ribeira de Marchil. Muito desmantelada pela agricultura, que remexeu profundamente os níveis superiores, esta camada quase só se conserva nos depósitos de detritos e nas bolsas escavadas na camada de base, de provável formação plio-plistocénica. As estruturas arqueológicas surgem com relativa densidade, dispersas pela extensa área da elevação das Pontes de Marchil. Correspondem a depósitos de detritos, organizados em montureiras ou em lixeiras escavadas na camada de base. Contêm abundante espólio cerâmico do Bronze Final, carvões, cinzas e enormes quantidades de conchas de *Tapes, Ostrea, Cardium, Solen* e, em menor número, de *Triton* e *Patella*. Aparecem também brácteas de *Pinus* sp. e raros ossos de ovi-caprinos e de grandes mamíferos herbívros. Surgem, igualmente, em escassa quantidade, pinças de crustáceos e ossos de peixe.

No material cerâmico dominam as formas esféricas e, principalmente, as carenadas, com perfis tipicos do Bronze Final. Encontram-se também grandes vasos, de formas cilindricas e troncocónicas, altos e abertos, por vezes providos de elementos de preensão transversais com protuberâncias bífidas. E geralmente lisa, embora alguns fragmentos tenham decoração geométrica brunida no interior e incisa no exterior.

O metal está mal representado (alguns aneis de bronze, um alfinete e uma placa decorada, do mesmo metal). Finalmente, é de salientar o aparecimento de elementos denticulados de foice em sílex e de dois fragmentos de um possível cabo de foice em madeira, material encontrado em associação no Estrutura 9.

O conjunto cerâmico testemunha claramente uma ocupação do Bronze Final que pode ser cronologicamente situada no séc. IX a.C..

Nos depósitos de detritos, os restos malacológicos aparecem em aglomerações muito concentradas; individualizam-se no espaço das estruturas conjuntos de conchas de uma única espécie. Não se notaram testemunhos de um consumo organizado a partir de recolecções diferenciadas, mas, pelo contrário, os dados até ao momento observados atestam que a formação das estruturas realizava-se na sequência de refeições em que se consumia imediatamente o produto de uma apanha de marisco.

Fig. 37 – Pontes de Marchil. Vaso carenado com decoração incisa.

A escavação integral de 5 destas estruturas demonstrou que, pelo menos em algumas, se teria verificado uma polivalência funcional dos locais, que teriam servido em momentos sub-contemporâneos de depósitos de resíduos, de local de consumo e de lugar de habitação temporária. Com efeito, é frequente as conchas aparecerem pisadas e partidas *in situ*. Numa das estruturas (Est. 5) encontrou-se *in situ*, debaixo de uma montureira, o resto de um solo em arglia cozida. Noutras, a escavação deparou com níveis ou com zonas quase sem conchas, onde abundavam pedaços de barro cozido, acompanhados de manchas localizadas de carvões e de cinzas e com cerâmica partida *in loco*, em grandes fragmentos. As habitações deveriam, no entanto, ter sido de natureza muito precária, pois apenas se encontram estes vestígios fugazes, faltando por inteiro estruturas mais perenes, apesar da extensão da área escavada. Durante a primeira campanha de escavação de salvamento, realizada em Agosto/Outubro de 1978, encontrou-se uma zona de combustão, com grandes pedras partidas pela acção do fogo, pedaços de carvão, cinzas, cerâmica, escassas conchas e um fragmento de escória de fundição de cobre.

No momento actual, parece legítimo concluir-se dos dados observados que a estação das Pontes de Marchil representa um local de ocupação temporária, onde se instalaram, provavelmente por períodos sucessivos mas relativamente curtos, pequenos grupos humanos que exploravam em regime sazonal os recursos marisqueiros da ria de Faro, imediatamente vizinha da estação. É possível que fossem populações cujos povoados permanentes estivessem situados no interior e que, acompanhados de algumas cabeças de gado e dos seus artefactos, se deslocassem até ao litoral nas épocas propícias à apanha de mariscos, actividade que deveria ter um papel complementar na sua economia. Esta prática está, aliás, documentada na etnografia local. Existe ainda, com efeito, na ria de Faro uma pequena aldeia de precárias cabanas de junco, habitada somente no Verão por famílias do interior algarvio que nesta época descem ao litoral para se dedicarem à recolecção de moluscos nos sapais.

J. P. M.

Fig. 38 – Pontes de Marchil. Plano de um depósito de detritos em fossa, notando-se uma concentração de conchas de Ostra e grandes fragmentos de cerâmica.

Fig. 39 – Pontes de Marchil. Perfil de uma das lixeiras abertas na camada de base.

CASTELO DE ALCÁCER DO SAL

Escavações do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Caetano Beirão, Luísa Ferrer Dias e Antónia Coelho-Soares)

Após a recolha de abundante espólio da Idade do Ferro, Épocas Romana, Árabe/Medieval e Moderna por crivagem de terras removidas pela construção, em 1976, de um depósito de água subterrâneo no Castelo de Alcácer do Sal, o Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal considerou imprescindível, para um melhor conhecimento da jazida, a realização de escavações arqueológicas.

Em Setembro de 1979 iniciaram-se os trabalhos de escavação que viriam a revelar uma potência estratigráfica de cerca de 6 metros (Fig. 40) com 13 níveis integráveis em 8 estratos.

De baixo para cima:

Estrato I-II (níveis 11/13) — Escavado em uma área muito reduzida, não forneceu estruturas e deu, na sua base, materiais cerâmicos atribuíveis ao Neolítico Final/Calcolítico Inicial, nomeadamente duas taças que apresentam paralelos evidentes com as de Vale Pincel II, artefactos e sub-produtos de talhe em sílex e o fragmento de um possível "corno", em terracota, semelhante aos do Possanco (Fig. 41). Misturadas com este espólio, e na parte superior do estrato, surgiram cerâmicas também de fabrico manual cuja forma mais significativa é a taça carenada de parede concava, característica de contextos do Bronze Final. De um modo geral, esta última cerâmica mostra analogias, inclusivamente tecnológicas, com as do povoado do Bronze Final da Cerradinha — Lagoa de Santo André (Fig. 42).

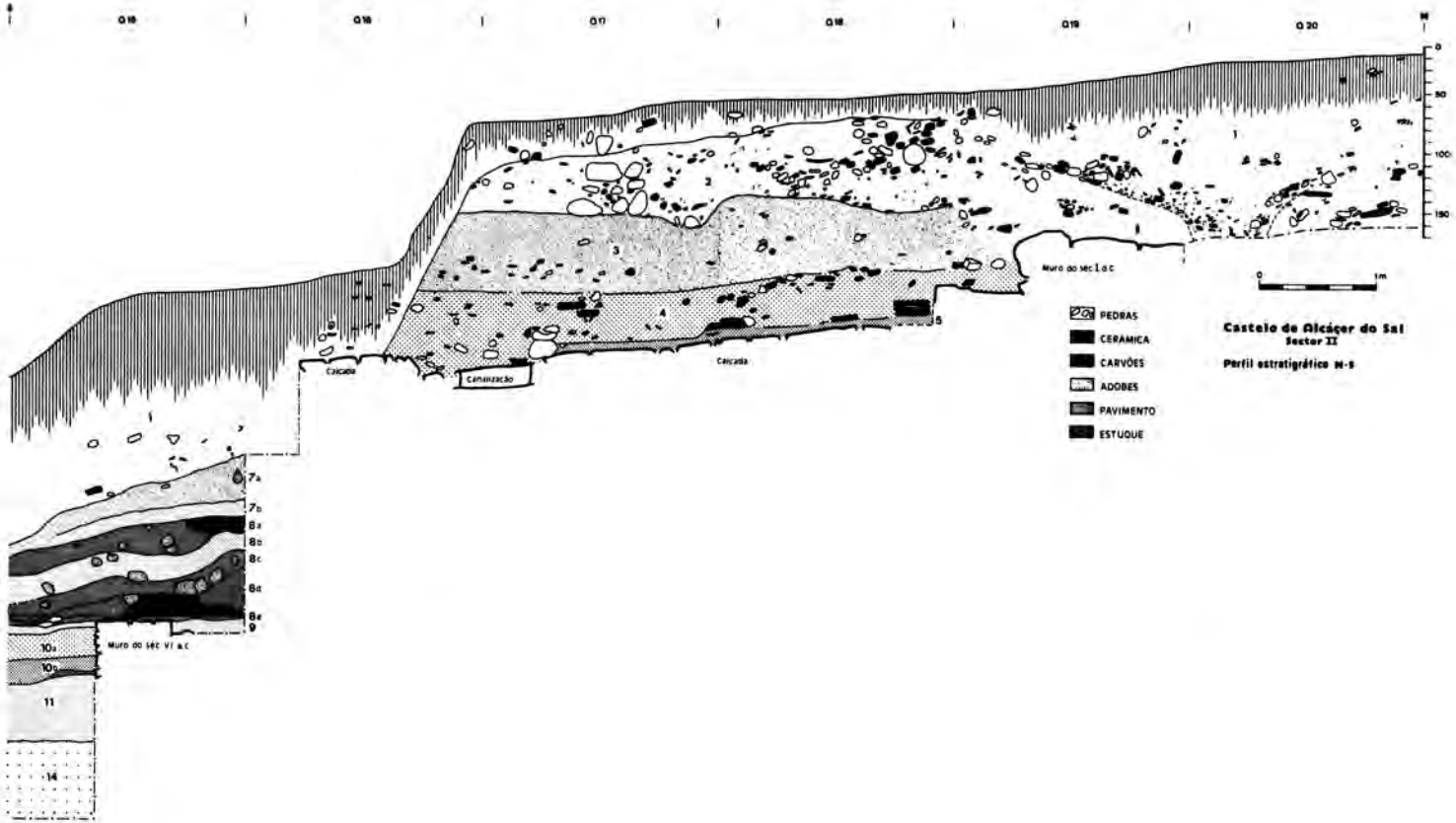


Fig. 40 — Perfil estratigráfico N.-S. dos quadrados Q 15 — Q 20.

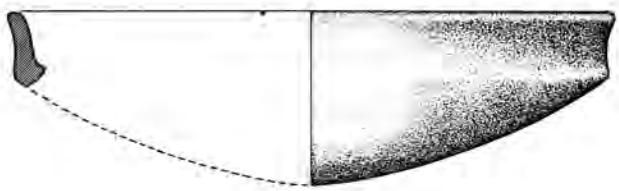
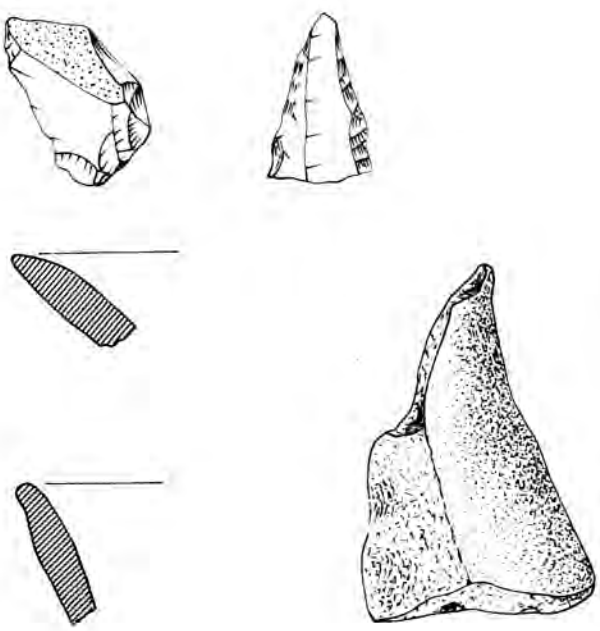


Fig. 42 — Vaso em cerâmica do Estrato II (ocupação do Bronze Final). Red. ca. *1/2.*

Fig. 41 — Materiais líticos e cerâmicos do Estrato I (ocupação do Neolítico Final/Calcolítico Inicial). Esc. 1/1.



Estrato III (níveis 9 e 10) — A terceira fase de ocupação corresponde ao estabelecimento de uma população portadora de uma cultura marcadamente orientalizante. A cerâmica manual (fig. 43, n.º 1) surge em reduzida percentagem, predominando a de superfícies mal alisadas; está presente a cerâmica com tratamento «a cepillo»; muito rara, a de ornatos brunidos.

Na cerâmica montada ao torno salienta-se a de engobe vermelho («barniz rojo») tartesso-oriental (Fig. 43, n.ºs 2-7) — pratos da forma 1 e formas 3 e 20 de Quadrado —, a cerâmica polícroma de bandas e zonas horizontais cuja única forma documentada é a de um grande recipiente de boca larga munido de asas tubulares geminadas que partem do lábio (Fig. 43, n.º 8), cerâmica cinzenta e negra espatulada (Fig. 43, n.ºs 10-15) em que domina a taça de bordo com ligeiro espessamento interno arredondado e ânforas de feição fenícia (Fig. 43, n.º 16) de lábio curto vertical e de secção sub-triangular, semelhantes aos n.ºs 748 e 795 de Pellicer (Séc. VII-VI a.C.)

De assinalar o aparecimento de fragmentos de cerâmica pertencentes a cadinhos de fundição de cobre/bronze.

Este estrato encontra paralelos na C.4 de Mogador, no estrato IV de Toscanos, e em Huelva II-III (Níveis XI-X do Cabezo de San Pedro, La Joya, fases média e final do Cabezo de la Espe-

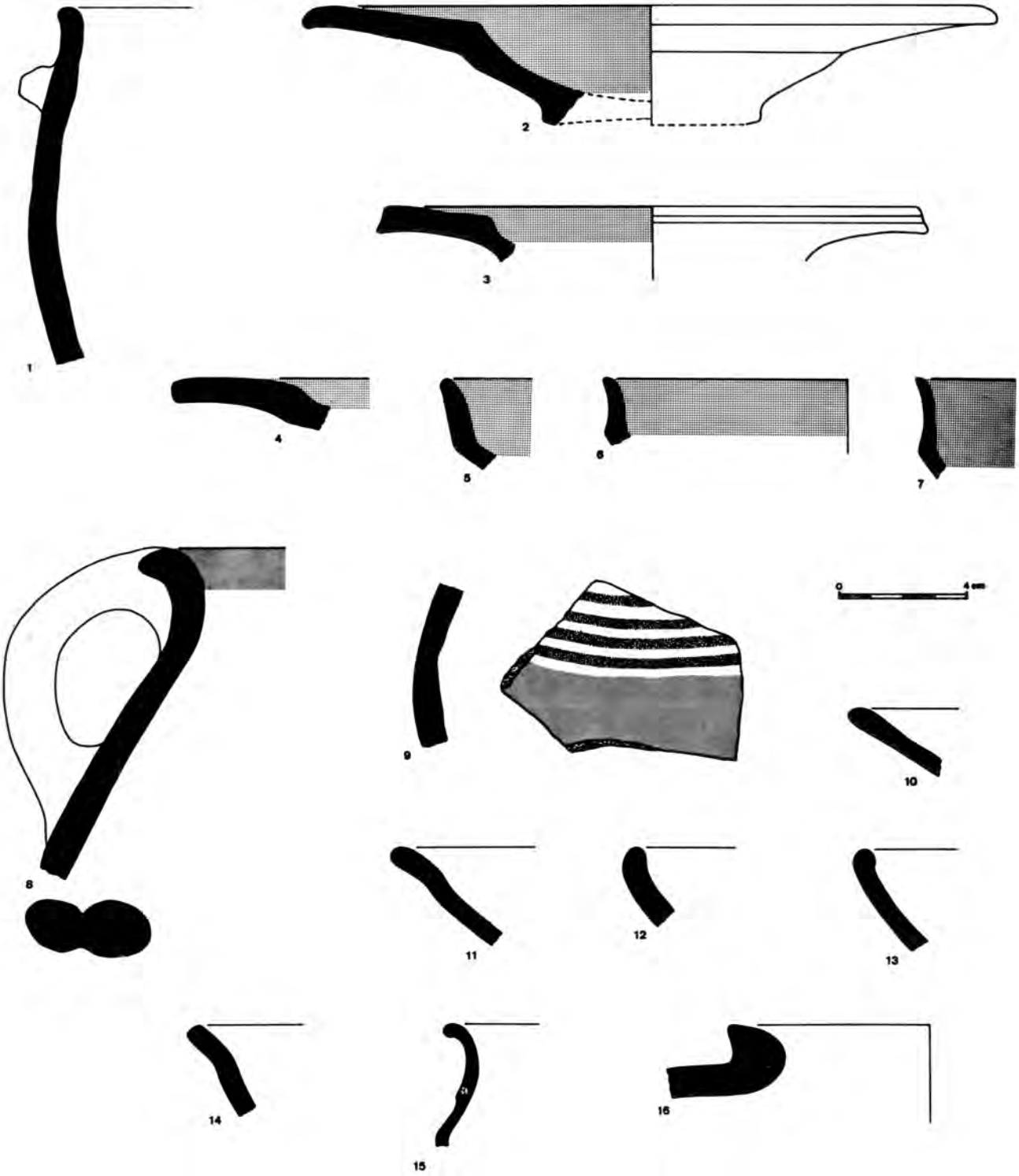

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
0
4 cm

Fig. 43 — Materiais cerâmicos do Estrato III (ocupação orientalizante do séc. VI a.C.): cerâmica de fabrico manual (n.º 1); cerâmica de engobe vermelho tatesso-oriental (n.os 2-7); cerâmica polícroma de bandas (n.os 8 e 9); cerâmica cinzenta e espatulada-negra (n.os 10-15) e bordo de ânfora de feição fenícia (n.º 16).

Fig. 44 — Muro do Estrato III (ocupação orientalizante do séc. VI a.C.).

ranza) pelo que propomos uma datação centrada no séc. VI a.C..

Pertence a este estrato um muro de pedras não aparelhadas e ligadas por argila (Quadrado Q. 15 -Fig. 44). Nos Quadrados R 20 e S 20, o nível 10 é constituído por enormes blocos de calcário, numa espessura de 2,30 m, correspondentes ao desmoronamento de uma grande construção. No Quadrado Q.15 observou-se um nível (10 a) de derrube de adobes.

Estrato IV (níveis 7 e 8) — Sobre os níveis de destruição e abandono do estrato anterior, surgiu uma nova ocupação, marcada também por uma forte componente cultural mediterrânica.

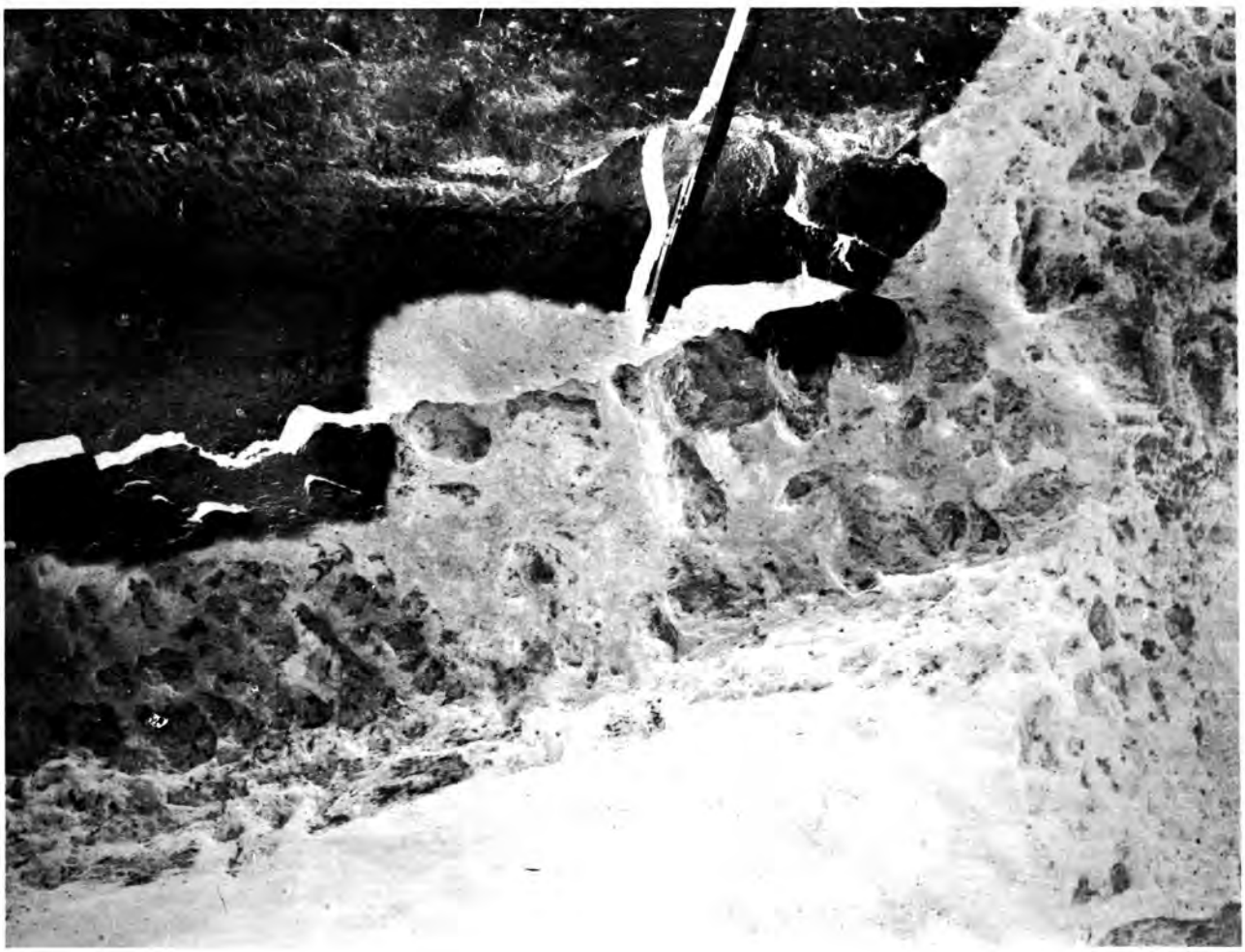


Fig. 45 — Peças cerâmicas do Estrato IV (séc. IV-III a.C).

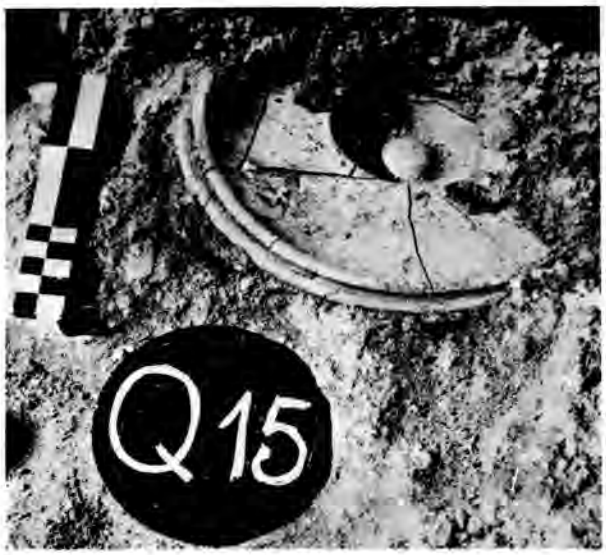


Fig 46 — «Pratos de pescado», encontrados sobrepostos, in situ, *do Estrato IV.*

A cerâmica manual reduz-se e a de engobe vermelho quase desaparece. Está presente a cerâmica de verniz negro, àtica ou mesmo pré-campaniense.

No quadrado Q 15 identificou-se um pavimento de barro batido sobre o qual foram abandonados 2 pratos de pescado com pintura vermelha (Figs. 45 e 46), uma taça de carena alta e de superfícies espatuladas, uma pátera de cerâmica negra espatulada, um recipiente em cerâmica comum, globular, munido de uma asa de secção sub-rectangular que arranca do lábio (Fig. 45), duas mós, uma delas naviforme e o fragmento de uma cinta de secção rectangular em cobre/bronze. Estes materiais conservaram-se praticamente intactos, cobertos directamente por um nível de incêndio com barrotes incarbonizados e adobes queimados.

Também no quadrado Q. 15 foi identificado um muro de pedras não aparelhadas e ligadas por argila.

Estrato V (nível 6) — Separado dos anteriores por níveis de incêndio e de abandono, forneceu relativamente pouco material e muito fragmentado. Não surgiu cerâmica manual. Continua presente a cerâmica negra espatulada; a pintada apresenta bandas horizontais vermelhas junto ao bordo e linhas curvas verticais. Aparece pela primeira vez uma cerâmica de pasta e superfícies alaranjadas claras e de paredes finas (3^{mm}). Outras cerâmicas, novas relativamente aos estratos precedentes, são a Campaniense. A tardia nas formas 36 e 5, atribuíveis à 1.ª metade do séc. I a.C., a Campaniense B (escassos fragmentos na parte superior do estrato) e ânforas romanas republicanas (Dressel 1) e "cartaginesas" (Dressel 18). De referir ainda o aparecimento de um asse de Cástulo com toro no reverso que cabe no período VI (82 a 40 a.C. da periodização das emissões ibéricas e ibero-romanas de Guadan (Vives, Lam. LXXI, 2 a 14).

A esta ocupação pertence a construção de dois muros perpendiculares de pedras não aparelhadas ligadas por argila (Fig. 47).

Trata-se, pois, de um estrato formado entre os finais do séc. II e o terceiro quarto do séc. I a.C..

Estrato VI (níveis 4 e 5) — A escavação revelou um único nível de ocupação, do séc. I d.C., datado de meados e 2.ª metade desse século, embora existam elementos (sigillata itálica do período clássico), recolhidos fora de contexto, nas crivagens de 1976, que nos permitem falar de uma ocupação augustana. A este estrato pertence uma calçada (Fig. 48) com a largura mínima de 5m. e de comprimento ainda não determinado, sob a qual corre uma canalização de secção rectangular; a calçada é marginada a Norte por casas (um dos muros reutilizou uma parede do estrato V).

Estrato VII (parte superior do nível 3) — Sobre o nível 4 que corresponde a uma fase de desmoronamento de estruturas romanas do séc. I, formou-se o estrato VII que parece corresponder a um momento tardio da ocupação romana do local. Ofereceu sigillata clara e ânfora Almagro 51, materiais que apontam para uma cronologia dos sécs. III-IV d.C..

Reconheceu-se uma estrutura (pavimento?) triangular em argamassa, próximo da qual foi encontrado um nível de carvões.

Estrato VIII (nível 2) — Continha materiais árabes, medievais e modernos misturados. Este estrato foi objecto de profundos revolvimentos.

Dois muros em pedra seca testemunham a ocupação da área em época pós-romana.

Fig. 47 — Muro (em segundo plano) do Estrato V (séc. II-I a.C.) reutilizado no período imperial (séc. I d.C.)

Fig. 48 — Calçada e soleira de uma porta do Estrato VI (séc. I d.C.).

Fig. 49 — Vaso em terra sigilata *hispânica da segunda metade do séc. I d.C.*

No Castelo de Alcácer interessaram-nos, muito especialmente, os estratos III e IV por pertencerem a um período mal conhecido entre nós.

O estrato III, cujos limites cronológicos ficam em aberto mas que pensamos poder centrar no séc. VI a.C., corresponde a um momento de florescimento. Alcácer do Sal, dotada de uma privilegiada situação geográfica, na margem de um rio que conduz à região mineira do Alentejo, e quase às portas do Atlântico, deveria ser, então, um centro urbano com elevado poder aquisitivo. Comerciantes fenícios ou das feitorias do Sul de Espanha sulcariam o Sado.

Segue-se um período de abandono ou de decadência situado possivelmente no séc. V a.C..

No séc. IV a.C., estrato IV, a cidade parece revitalizar-se; influências helénicas atingem Alcácer por uma via directa ou através do comércio cartaginês.

Ao estabelecimento da Idade do Ferro do Castelo de Alcácer do Sal deve pertencer a necrópole do Olival do Senhor dos Mártires onde Virgílio Correia identificou uma estratigrafia vertical com dois estratos pré-romanos. Um, mais antigo, constituido por sepulturas de incineração (4.º tipo), escavadas na rocha, de base sub-rectangular, poderá remontar ao séc. VI a.C..

O escaravelho de Psanamético I (663/609 a.C.), recolhido por Virgílio Correia em uma dessas sepulturas fornece-nos sobretudo uma data post-quem. Outros achados como ovos de avestruz pintados, uma fíbula de dupla mola e fechos de cinturão de garfos parecem documentar essa primeira fase de utilização da necrópole.

Do estrato pré-romano superior assinalamos, como bastante significativa, a sepultura n.º 8 (1.º tipo), possuindo um vaso bojudo e duas crateras áticas de figuras vermelhas do séc. IV a.C., contendo ossos, acompanhadas por um skiphos ático de figuras vermelhas do séc. IV, uma vasilha globular, uma falcata, lanças, 4 placas de fecho de cinturão, 2 fíbulas hispânicas e uma faca.

J. S. e C. T. S.

FÁBRICA DE SALGA ROMANA NA ÃREA URBANA DE SETÚBAL

Escavações do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (Carlos Tavares da Silva, Luísa Ferrer Dias e Antónia Coelho-Soares).

No âmbito das investigações levadas a cabo pelo Museu na Área Urbana de Setúbal escavámos durante o ano de 1979 uma fábrica de salga de peixe, idêntica às que se encontram na margem esquerda do Sado, em Tróia de Setúbal. Trata-se do primeiro achado deste tipo na margem direita do rio, onde, junto à foz de algumas ribeiras, se encontraram já alguns tanques dispersos.

A zona escavada, e que se encontra encravada entre três prédios e uma rua, consta de uma dupla fila de tanques de salga de peixe com dimensões variáveis; e que oscilam entre os 0,80x1,20 m. para os seis mais pequenos. e, 1,60x3 m. para o maior, sendo os restantes, quadrados, de 2,20x 2,20 m. Todos têm uma profundidade que oscila entre 1,30 m. e 1,35 m.. São revestidos por um "opus signinum" de muito boa qualidade. As quatro paredes dos tanques têm os ângulos arredondados e a junção entre as paredes e o fundo é uma meia cana saliente.

De um dos lados a dupla fila de tanques está adossada ao muro exterior da fábrica e do outro existe um corredor levemente inclinado. Trata-se de um pavimento tardio, revestido de um "opus signinum" de muito má qualidade, e sob o qual, depois de aberta uma sondagem verificámos existir um outro, certamente contemporâneo do início da laboração da fábrica. A escavação do corte junto ao muro exterior do conjunto fabril, mostra-nos que este assenta directamente sobre areia da praia. Sobre esta encontravam-se formadas duas camadas, que foram cortadas pela abertura da vala para a construção do muro da fábrica. Estas camadas (7 e 8) continham materiais (t.s. sudgálica e "paredes finas" com decoração a barbotina) atribuíveis à 2. metade do séc. I d.C.. Pensamos, pois, que a fábrica só terá iniciado a sua laboração nos finais do séc. I d.C..

No exterior da fábrica escavámos ainda uma pequena zona habitacional onde pudemos observar ao nível do pavimento da mesma, material a que atribuímos idêntica datação (t.s. sudgálica com a marca do oleiro Secundus (Oswald, Stamps, p. 287 a 289) e datado de 25 a 85 e "paredes finas" decoradas a areia e a barbotina).

Junto ao fundo da maior parte dos tanques en-

contrámos uma camada de "areia" amarelada e coalhada de escamas e espinhas de peixe. Estes restos da conserva de peixe aqui preparada, e destinada a ser exportada para o resto do mundo romano, mostravam, nitidamente, que em alguns dos tanques se preparia uma conserva de peixe pequenos (sardinha, entre outros), enquanto noutros se conservariam peixes de grandes dimensões (atum (?).

Alguns dos tanques possuiam um fundo falso, levando-nos a admitir ter aí havido uma 2ª ocupação já tardia. Assim, num deles, retirado o falso fundo, sobre o qual encontrámos restos de conserva, fomos encontrar materiais atribuíveis ao séc. V d.C. (sigillata clara, forma 73 de Hayes (420/475) e uma lucerna tipo Dressel 31, etc.). Este achado leva-nos a supor que a fábrica se encontraria ainda em laboração pelo menos parcialmente, numa data posterior ao séc. V d.C..

Por iniciativa do Museu a fábrica de salga de peixe não foi destruida para dar lugar aos alicerces do prédio que ali se construiu. Este assenta sobre pilares, possibilitando assim a visita da zona escavada, como se se tratasse de mais uma sala do Museu. Aí se conta apresentar também parte do material encontrado.

L.F.D.

Fig. 50 — Aspecto parcial da fábrica de salga de peixe da travessa Frei Gaspar.

TELEF. 25870

GRAFITROIA

COOPERATIVA OPERÁRIA DE ARTES GRÁFICAS, C. R. L. L. L.

TIPOGRAFIA E OFFSET

Rua Dr. Paulo da Fé Zêzere, 2-A
Rua Guilherme Gomes Fernandes, 16 a 24

CODEX 2900
SETÚBAL